

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

*Este exemplar corresponde à redação final
da Tese defendida por Ignez Tagliari Aliscantes
Machado e aprovada pela Comissão Julgadora
em 10-10-84*

Campinas, 10-10-84
Fontes

A EDUCAÇÃO DOS DEFICIENTES AUDITIVOS EM
PORTUGAL NO PERÍODO DE 1822 A 1968

Ignez Tagliari Aliscantes Machado

CAMPINAS-1984

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

A EDUCAÇÃO DOS DEFICIENTES AUDITIVOS EM
PORTUGAL NO PERÍODO DE 1822 A 1968

DISSERTAÇÃO APRESENTADA COMO EXIGÊNCIA
PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MES-
TRE EM EDUCAÇÃO, NA ÁREA DE METODOLO-
GIA DO ENSINO, SOB A ORIENTAÇÃO DO PROF.
JOAQUIM BRASIL FONTES JÚNIOR.

Ignez Tagliari Aliscantes Machado

COMISSÃO JULGADORA

[Signature]
[Signature]
[Signature]

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO.....	i
CAPITULO I - <u>Histórico da Pedagogia dos Deficientes Auditivos em Portugal</u>	3
I - Os precursores.....	5
II - A evolução do ensino em Lisboa e no Porto (de 1870 a 1893).....	7
III - A criação dos Cursos Normais.....	12
IV - Reforma do ensino dos surdos (1941)...	16
CAPITULO II - <u>Dados Gerais (1966)</u>	23
I - Elementos de estatística.....	25
II - O diagnóstico dos deficientes auditivos.....	28
III - Os Institutos para deficientes auditivos.....	33
IV - A organização escolar.....	37
V - A formação dos professores de deficientes auditivos.....	40
CAPITULO III - <u>Métodos e Programas</u>	48
I - Educação auditiva e fala.....	50
II - Leitura labial.....	61
III - Língua.....	64
CAPITULO IV - <u>Três aspectos originais da Pedagogia aplicada aos Deficientes Auditivos</u>	73
I - A Escola Maternal piloto de Bencanta..	75
II - Um método de educação rítmica.....	82
III - A importância particular do curso de desenho.....	98

	Pág.
CAPITULO V - <u>A Formação Profissional e a Inserção Social dos Deficientes Auditivos</u>	106
I - A formação profissional.....	108
II - A inserção social.....	112
CAPITULO VI - <u>Atividades Pós-Escolares</u>	117
I - A Associação Portuguesa de Surdos.....	119
II - O surdo português e a arte.....	122
CONCLUSÕES.....	126
BIBLIOGRAFIA.....	131

INTRODUÇÃO

Em 1966, durante alguns meses, visitamos os diversos Institutos para deficientes auditivos em Portugal.

Decidimos relatar essa experiência, considerando, antes de tudo, que, em um mundo onde muitas fronteiras tendem a desaparecer, seria interessante conhecer, tanto quanto possível, tudo o que se relaciona à educação dos deficientes auditivos num outro país. Além disso, porque, entre os diversos países que se interessam particularmente pelos deficientes auditivos, Portugal é aquele cuja língua e civilização nos são mais familiares.

Verificamos que os dados coletados não seriam suficientes para oferecer uma visão abrangente que desejávamos mostrar. A partir daí, optamos, também, pela realização de um estudo que permitisse uma reconstrução histórica do surgimento e da evolução desse campo educacional no país que focalizamos.

Procuramos, na medida do possível, conservar o vocabulário técnico especializado na mesma forma em que era utilizado à época em que foram coletados os dados.

Algumas aproximações à reabilitação dos deficientes auditivos na França, bem como frequentes citações de educadores franceses, são devidas ao fato de que, na ocasião em que foram coletados os dados, estávamos realizando um curso de espepe

cialização no "Institut National de Jeunes Sourds", em Paris.

No primeiro capítulo relataremos as fases pelas quais passou o ensino dos deficientes auditivos, desde os primórdios até à época estudada.

Em seguida, no segundo capítulo, apresentaremos os dados relativos à distribuição dos deficientes auditivos nas diversas regiões, a implantação dos Institutos, na península e nas ilhas dependentes, a organização escolar da época e a formação dos professores de deficientes auditivos.

O terceiro capítulo exporá os métodos e programas utilizados no ensino da Fala e da Língua.

Quanto ao quarto capítulo, apresentaremos alguns aspectos originais da pedagogia aplicada aos deficientes auditivos: a educação rítmica, em particular, pareceu-nos um dos pontos-chave do ensino neste país. É uma questão bem atual e que pode propiciar benefícios a todos aqueles que cooperam para a educação de tais indivíduos.

O sexto capítulo irá informar sobre a educação pós-escolar e a "Associação Portuguesa dos Surdos".

Não tivemos como objetivo neste trabalho fazer um estudo comparativo da educação dos deficientes auditivos entre Portugal e outros países: quisemos, simplesmente, expor o que ocorria em Portugal, tendo como idéia mestra relatar algumas experiências, ou melhor, a maneira como os professores portugueses realizavam a educação de seus alunos deficientes auditivos.

Todavia, não negligenciamos, absolutamente, no decorrer desta tarefa, as aproximações ou as oposições que apareceram e aplicamos nossa reflexão com a preocupação, conhecida de todos os mestres, de retirar dela os princípios melhorados, tendo em vista uma ação pedagógica mais apurada e mais eficaz.

Objetivamos, ainda, permitir que os educadores de deficientes auditivos encontrem, aqui, fontes de informações quanto às metodologias aplicadas em Portugal há quinze anos atrás.

Ainda que tenha transcorrido um intervalo de tempo desde que foram coletados os dados, acreditamos que este trabalho pode se constituir em um referencial necessário para um avanço na realidade atual, partindo-se da compreensão de certas questões postas no período estudado.

Isto porque, sob diversos ângulos, a educação de deficientes auditivos encontra-se bastante defasada em relação ao país que estudamos. Excetuando-se alguns trabalhos em certas capitais brasileiras, especialmente aqueles desenvolvidos junto a Universidades, e alguns centros de reabilitação, esse campo continua em uma fase incipiente.

Parece-nos de grande valia, para a educação dos deficientes auditivos no Brasil, e também como documento histórico, que alguém se dedicasse à realização de um trabalho similar ao que realizamos em Portugal.

Considerando a grande dimensão de nosso país, as análises poderiam, pelo menos, ser limitadas ao nível de Estado,

podendo-se, ainda, estender este objetivo não somente ao campo da deficiência auditiva, mas também ao das outras excepcionalidades.

Almejamõs, enfim, que o leitor possa, de alguma forma, usufruir deste nosso trabalho, na medida em que, pela maneira como foi realizado, sejam fornecidos subsídios para o aprimoramento das atividades didáticas e educativas daqueles que se dedicam às diversas áreas da reabilitação.

Finalmente, queremos agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO DA PEDAGOGIA DOS DEFICIENTES AUDITIVOS EM PORTUGAL.

- I - Os Precursores.
- II - A Evolução do Ensino em Lisboa e no Porto
(de 1870 a 1893).
- III - A criação dos Cursos Normais.
- IV - Reforma do Ensino dos Surdos (1941).

Antes de estudar a evolução das concepções relativas ao ensino dos surdos-mudos em Portugal, e as personalidades mais marcantes que contribuíram para seu desenvolvimento, acreditamos ser útil evocar, de forma introdutória, alguns fatos importantes de nossa pedagogia especial, anteriores à entrada em cena dos primeiros educadores portugueses*.

Outrora, os surdos-mudos eram considerados como seres inúteis; em Atenas, eram mortos; em Roma eram jogados no Tibre. Ao contrário, os Hebreus, Persas e os Egípcios tinham-nos como enviados dos deuses e os adoravam como tais, prescrevendo em favor deles as maiores manifestações de respeito. Em Constantinopla, durante muito tempo, os surdos-mudos eram empregados na corte na qualidade de pajens. Todavia, Solimão II mandou matar sete deles, entre os quais estava seu filho.

De toda maneira, eles eram abandonados à própria sorte. É doloroso pensar que, naquele tempo, ninguém tentou ajudá-los a sair do isolamento em que se encontravam, instruindo-os.

Foi só no começo do século VIII que, segundo o relato do monge inglês Beda o Venerável, o Arcebispo de York, João de Beverly, desmutiza um surdo-mudo. Mas muitos outros autores colocam em dúvida a realidade desta ação pedagógica e Mr. Fourgon, em sua "História da Pedagogia dos Surdos-Mudos" (Paris - 1957), escreve que "Regnard, tendo retomado a tradução da obra de Beda, indo à edição original, constatou a falsidade do fato assinalado".

No século XVI, na Espanha, Pedro Ponce de Leão, monge beneditino do monastério de Sahagun, chega a fazer falar os surdos e a lhes ensinar sua língua materna, assim como os elementos de uma instrução primária. Ele adquire, graças a este fato, grande renome.

Por volta de 1619, ainda na Espanha, João Pablo Bonet interessa-se pela educação dos surdos. Ele publica um li-

* Utilizaremos muitas vezes, neste capítulo, a obra da Profa. A. Lourenço - "Breve resumo histórico do ensino dos surdos em Portugal" - Lisboa - 1956.

vro intitulado: "A redução das letras em seus elementos primitivos e a arte de ensinar a falar aos mudos" (Madri - 1620).

Na Itália, Jerônimo Cardan (1501-1576), matemático, médico e filósofo, estudou a arte de instruir os surdos-mudos, estabelecendo o princípio da possibilidade de sua instrução com a ajuda da linguagem escrita.

Nessa época, muitos mestres praticavam a educação dos surdos, mas seus métodos permaneceram secretos e desapareceram com eles.

Em muitos países da Europa - Inglaterra, Itália, Alemanha e Holanda - os sucessos de Ponce e Bonet tiveram uma grande repercussão, pelo seu valor de exemplos e pelo interesse que eles suscitaram em favor dos deficientes auditivos.

O médico suíço Johann Conrad Amman (1669-1724) estabeleceu-se na Holanda a partir de 1687, instruiu uma criança surda e abriu o caminho para um ensino oral dos surdos. Após seu êxito, publica seu método em uma obra intitulada "Surdus-Loquens" (Amsterdam - 1692 - edição latina, depois holandesa). Ele completa sua obra em 1700 e publica-a, em Amsterdam, sob o título: "Dissertatio de loquela".

Aparece depois, na França, o abade Epée (1712-1789) que, no atual "Institut National de Paris", ensina a um grande número de surdos-mudos, tanto ricos como pobres, a linguagem mímica, composta em parte de sinais criados pelos próprios alunos e em grande parte de sinais metódicos criados por ele. Ele lhes ensina também a escrita, a datilografia e às vezes a leitura labial. Publica, em 1776, "Instruction des Sourds et Muets, par la voie des signes methodiques". Esta obra foi reeditada em 1784, sob o título "La véritable manière d'instruire les sourds et muets, confirmée par une longue expérience".

Antes dele, só os surdos-mudos privilegiados recebiam instrução.

Verdadeiro apóstolo da causa dos deserdados da audição, é o criador do ensino público dos Surdos-Mudos.

I - Os Precursores.

A - O Primeiro precursor português na França: Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780).

Enquanto que em muitos países da Europa o ensino dos surdos se inicia e tende a se organizar, em Portugal estes enfermos são ainda abandonados à sua sorte.

Todavia, na França, um ilustre português, Jacob Rodrigues Pereira, entrega-se, com todas as suas forças, ao ensino dos surdos, pois sua irmã era deficiente auditiva.

Foi ele o primeiro a utilizar, em Paris, o método oral, em 1740. Os bons resultados obtidos por seus alunos Azi d'Etavigny, Saboureux de Fontenay e Mademoiselle Marois são bem conhecidos. Quanto a sua irmã, todavia, nunca mais se ouviu falar nela. É lastimável que Pereira não tenha deixado uma exposição correta de seu método.

Foi Edouard Seguin quem expôs em seu livro "Jacob Rodrigues Pereira, primeiro mestre de Surdos-Mudos na França" (1847 - Paris - Baillière) os meios empregados pelo português e que o levaram a tão elogiosos êxitos.

A nacionalidade de Pereira foi várias vezes discutida, mas foi provado que seu nascimento na estremadura espanhola foi fortuito e que o berço de sua família estava em Portugal.

B - O primeiro educador de surdos em Portugal: José Antonio de Freitas Rego (1822).

Quarenta anos mais tarde, em 1822, em Portugal, o português José Antonio de Freitas Rego, interessado em melhorar a sorte dos surdos, esforça-se para instruí-los, e faz em Lisboa, às "Cortes Gerais da Nação Portuguesa"*, uma exposição de seu método, a fim de obter a organização de um ensino especializado para os surdos de Portugal. Sua petição, renovada várias vezes, não encontrou eco junto às autoridades. Seu ardente desejo de ver Portugal igualar-se aos outros países em seus

* "Parlamento da Nação Portuguesa".

esforços na educação dos surdos não foi, infelizmente, partilhado por aqueles que poderiam concretizá-lo.

C - A Infanta Dona Isabel Maria obtém a criação do primeiro Instituto para surdos em Lisboa (1823).

A 20 de abril de 1823, por decisão do Rei João VI e graças às insistências de sua filha Dona Isabel Maria, é assinado um contrato com Per Aron Borg (fundador do Instituto de Surdos em Estocolmo), com o objetivo de organizar o primeiro Instituto de surdos-mudos.

Per Aron Borg instala-se no palácio do Conde Mesquitela, situado no bairro da Luz, em Lisboa; ele ensina neste local, juntamente com seu filho João Herman Borg. Ambos empregam a linguagem mímica.

O Instituto, mantido de início pelo Rei, passa em seguida para a Casa Pia*, e mais tarde adquire sua autonomia.

Per Aron Borg publica em 1828, em Lisboa, uma obra intitulada "Golpe de vista sobre a necessidade, valor e importância de um Estabelecimento de Educação para surdos-mudos e cegos" e também um relatório sobre "O ensino dos trabalhos manuais". Ele retorna em seguida a Estocolmo, como Diretor do Instituto que havia fundado, e aí permanece até sua morte, em 1889. Seu irmão permanece em Lisboa para sucedê-lo.

Em 1832, João Borg transfere o Instituto para um bairro de Lisboa chamado "Calçada das Necessidades". É ajudado por José Crispim da Cunha; após sua morte, em 1833, este último assume a direção do Instituto.

Crispim da Cunha dedica-se ao ensino com inteligência. Após ter tomado a direção do Instituto, é detido por razões políticas, mas retorna para junto de seus alunos quando readquire sua liberdade.

A 15 de fevereiro de 1839, o Instituto perde sua autonomia, por força de um decreto; ele retorna sob a direção da Casa Pia e instala-se no "Largo da Ajuda". Crispim da Cunha não

* Organização educativa estadual.

aceita esta decisão, protesta em termos veementes e abandona para sempre a educação dos surdos.

Até aqui, o ensino dos deficientes auditivos seguiu um desenvolvimento regular, mas, após a saída de João Borg e a integração do Instituto do "Largo da Ajuda" à "Casa Pia", entra em uma fase de decadência.

De início, são dois surdos, antigos alunos de Per Aron Borg - Augusto de Castro e José da Costa - que se encarregam do ensino. Depois, Bernardo José Fragoso, ouvinte, mas sem nenhum preparo pedagógico, aí permanece até 1840. Em seguida, um surdo, José Maria Teixeira, toma a direção.

Tendo o Estado cessado de responsabilizar-se pelo Instituto em 1844, o Estabelecimento mantém-se aberto até 1860; a situação financeira, cada vez mais precária, leva a seu fechamento.

O Dicionário Popular de Portugal* conta-nos que, nesta época, o Dr. Antonio dos Santos Brilhante, nascido em Alcobça, a 2 de fevereiro de 1821 e formado na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, interessou-se muito pelo problema dos surdos. Ele publica, em 17 de agosto de 1855, o primeiro fascículo de sua revista "Aguilha Médica" e, no dia 1º de agosto de 1866, o quarto e último. Nesta coleção, o Dr. Antonio dos Santos Brilhante estuda particularmente duas questões: "A cura dos surdos de nascimento" e "O melhor método de ensino dos surdos incuráveis".

II - A Evolução do Ensino em Lisboa e no Porto (de 1870 a 1893).

A - A ação do Padre Aguilar (1870)

Alguns anos mais tarde, com o Padre Pedro Maria de Aguilar, professor de Moral na Escola Normal de Marvila, em Lisboa, o ensino dos surdos renasce com entusiasmo e prova sua eficácia. Aguilar dedica-se ao estudo das principais obras sobre o ensino dos surdos. Ele abre, em 1870, em um liceu de Lisboa, um curso gratuito para os surdos-mudos e obtém bons resultados.

* "Dicionário Popular", 11º volume p. 170 e 171.

Em 1872, é fundado para eles, no Norte, um outro Instituto, onde são utilizadas a mímica e a escrita, com resultados bastante expressivos.

O padre Aguilar é ajudado pelo seu sobrinho, Eliseu de Aguilar, e por sua sobrinha Joana Barbosa do Lago. Apesar dos bons resultados obtidos no Instituto, é obrigado a fechá-lo, pois não é auxiliado pelo poder público. Ele não desanima e faz um pedido ao Conselho Municipal do Porto, em favor de sua obra humanitária. Atendida sua solicitação, abre um Instituto nessa cidade e apresenta, em 1877, um relatório sobre os resultados obtidos por seus alunos. Após a sua morte, seu sobrinho, Eliseu de Aguilar, o substituiu na direção do Instituto.

B - Instituto Municipal de Surdos em Lisboa (1887).

Em 1887 é fundado, pela Câmara Municipal de Lisboa, o "Instituto Municipal de Surdos".

Quem tomaria a direção deste novo Instituto?

O professor Eliseu de Aguilar, do Porto, foi convocado. O convite recebido chega nos seguintes termos: "... se ele não aceitasse a direção do novo estabelecimento, chamar-se-ia um professor estrangeiro, o que destruiria sua Escola, pois, no futuro, os alunos internos dariam preferência a este novo estabelecimento...". Eliseu de Aguilar submete-se, fecha o Instituto do Porto e toma a direção do Instituto de Lisboa.

O Instituto Municipal de Lisboa é instalado no Palácio Arneiro, à rua Infante D. Henrique, nº 90, no 1º andar, em boas condições e possuindo um material pedagógico apreciável. Recebe tanto meninas quanto meninos que se apresentam, mas as instalações são particulares para cada sexo. Os alunos são admitidos em regime de semi-internato e, na maioria, de internato.

No início, o total foi de quarenta alunos; um só professor exerce docência; Eliseu Aguilar acumula as funções pedagógicas com a direção administrativa do Estabelecimento.

O ensino da articulação só é dado numa medida restrita e a leitura labial é ignorada.

Eliseu, não sendo capaz de arcar sozinho com tantas tarefas, chama sua mãe e sua irmã Sara para auxiliar na educação e instrução das meninas.

Em 1891, por motivos desconhecidos, o professor Eliseu de Aguilar é destituído do Instituto.

O professor Inácio José Miranda de Barros, diplomado na Escola Normal do Porto, vem substituí-lo como professor. A direção do Instituto é confiada ao diretor dos Asilos Municipais.

Miranda de Barros não tem nenhuma especialização, e sua primeira preocupação é estudar os problemas relacionados com este novo ensino. Em pouco tempo, assimila os processos mais modernos existentes para este ensino especializado. Ele instaura o ensino oral e se propõe a eliminar a linguagem dos sinais.

O grande número de alunos não lhe permite obter os resultados esperados no ensino da articulação. Eis como ele se expressa num relatório ao diretor do Instituto, em 1892: "Não posso compreender como um só professor possa dar ensino a dezenas de alunos de capacidade mental diferente, e em tantos graus diversos de instrução, o desenvolvimento dos mais adiantados ficando atrasado pela chegada dos alunos que se encontram na esta ca zero".

Entre 1891 e 1901, a direção do Instituto é confiada a um funcionário municipal, João José Teixeira Dias, que não tem grandes conhecimentos pedagógicos, o que ocasiona a queda de nível do Instituto de Lisboa. Por outro lado, o professor Eliseu de Aguilar retoma seu lugar; Miranda de Barros é obrigado a abandonar o ensino dos surdos, ao qual ele havia se consagrado com tanto zelo e competência. Em 1900, tendo sido Eliseu de Aguilar novamente destituído de seu posto, a Câmara Municipal remodela o ensino e separa os alunos por sexo: as meninas são transferidas para uma casa do bairro do "Largo da Graça"; os meninos, ficam à rua Santíssima Trindade.

Para substituir Eliseu Aguilar, é nomeado, após concurso, o professor Augusto Joaquim da Silva Campos, mais tarde professor de desenho industrial na Casa Pia de Lisboa.

É neste momento, precisamos observar, que começa o ensino profissional de surdos em Lisboa.

Em 1905, pelo decreto de 27 de dezembro, o Instituto é incorporado à Casa Pia, como uma de suas seções.

C - O ensino privado no Porto e em Lisboa (no fim do século).

É importante notar, nesta época, a ação pedagógica que exercem no Porto os abades de Arcozede: Padre Cândido José Aires e Padre Sebastião Leite de Vasconcelos.

O Padre Cândido José Aires é o autor de um método logográfico, baseado na fisiologia dos sons. Por outro lado, ele traduziu para o português o livro "Estudo da fala", de Ernest Legouvé (1807-1903), da Academia Francesa. É considerado um especialista em ortofonia e apreciado por muitas pessoas portadoras de problemas fono-articulatórios. Educa um surdo e lhe ensina a falar pelo método de construção.

O Abade Leite de Vasconcelos educa, por sua vez, um menino surdo que protege, e lhe ensina a dizer a prece "Ave Maria", em voz alta, após longos esforços.

Ainda no final do século passado, em Lisboa, no convento das Irmãs irlandesas, chamado "Bom Sucesso", uma religiosa, Madre Maria Petronila, dá gratuitamente ensino para algumas crianças surdas; ela emprega, para se fazer compreender, a linguagem mímica. O mesmo método é empregado por uma professora em Pedrouços, no Colégio Schiapa Pietra, onde alguns surdos são admitidos.

Um outro professor, Enídio José de Vasconcelos, que conhece bem sua profissão de pedagogo, funda em 1880, na rua Benfornoso, uma escola para surdos. Apesar de seu desconhecimento dos métodos modernos, chega a bons resultados com nume-

rosos alunos. Pede ajuda à Câmara Municipal de Lisboa, que o autoriza a aceitar os alunos surdos na Escola Paroquial da rua São Lázaro, nº 97. No primeiro andar é instalada a classe, o dormitório e o refeitório, e no térreo as oficinas.

Vasconcelos serve-se da datilografia e da linguagem escrita e usa somente alguns rudimentos de articulação.

D - Anicet Fusillier (1890).

A tentativa que obteve maior êxito em Lisboa, no ensino privado para surdos, cabe a Anicet Fusillier.

Professor do Instituto de Surdos-Mudos de Paris e do de Chambéry, assim como da Escola de retardados mentais de Gentilly, esta dupla formação levou-o, em 1890, a estabelecer em Benfica um Instituto para surdos-mudos e um para "doentes mentais".

Fusillier é muito bem conceituado pelos lisboenses, pela sua sabedoria, seus estudos e seus trabalhos, e sobretudo pelos resultados que ele obtém com seus alunos. Ele emprega em Lisboa o método oral e todos os processos pedagógicos aplicados na França nesta época. Publica, após alguns anos de experiência em Portugal, várias obras; entre outras: "A instrução e a educação dos surdos-mudos"; "O ensino da geografia aos surdos-mudos"; "Paliativos da surdez adquirida"; "O Instituto Municipal de surdos-mudos"; "A educação dos idiotas"; "A educação das crianças retardadas, fracas de espírito, débéis". "Resumo histórico do ensino dos surdos-mudos em Portugal" e uma conferência teórica e prática sobre o ensino dos surdos, pronunciada no Instituto em 19 de setembro de 1895.

Anicet Fusillier morre na ilha de São Tomé, onde havia criado um Instituto. Infelizmente, o Instituto de Benfica em Lisboa foi fechado após a partida de seu fundador para a África.

E - O Instituto Araújo Porto (1893).

Após a saída do professor Eliseu de Aguilar, Porto é privado do Instituto para surdos. Mas em 26 de fevereiro de 1893 é inaugurado um novo Instituto, graças à doação de uma grande fortuna para a "Santa Casa de Misericórdia". Inicialmente, o Instituto é provisoriamente instalado na rua do Cemitério da Cedofeita, e, pouco tempo depois, a Misericórdia do Porto constrói prédios especiais, com um pavilhão para cada sexo. Este estabelecimento passa a chamar-se "Instituto de Surdos-Mudos Araújo Porto", em homenagem à memória de seu benfeitor. É iniciado com oito alunos, mas esse número aumenta rapidamente.

O professor Miranda Barros é convidado para exercer o magistério neste novo Instituto; todavia, sua saúde não lhe permite continuar. Morre em 1893.

Joaquim José Trindade, sub-inspetor das escolas primárias de Aveiro, desenvolve então o ensino especial aos surdos deste novo Instituto, com muita competência.

III - A criação dos Cursos Normais.

A - O Instituto Nacional de Paris e a formação dos pioneiros dos Cursos Normais (1893-1904).

A Misericórdia do Porto, interessada no desenvolvimento do novo Instituto "Araújo Porto", envia, em 1893, dois professores a Paris, para que eles se especializem no Instituto Nacional de Surdos da rua Saint Jacques. Eram o Dr. Luiz Antonio Rodrigo Lobo e o professor Nicolau Pavão de Souza. Este último faz também o Curso de Filosofia na Sorbonne.

Sobre estes dois personagens, um artigo intitulado "Crônica Portuguesa"*, de Auguste Boyer, professor do Instituto Nacional de Paris nesta época, oferece alguns esclareci-

* Revue Internationale de l'Enseignement des Sourds-Muets - août - septembre 1895 - Paris - Librairie Georges Carré.

mentos: "... acrescentamos para informar completamente nossos leitores, que o Dr. Lobo e o Prof. Souza deixaram Paris em agosto de 1894 para voltarem ao Porto, que o Dr. Lobo foi nomeado diretor do Instituto Araújo, que os serviços deste Instituto são colocados sob a vigilância do senhor José da Silva Pimenta, delegado do escritório da Santa Casa de Misericórdia, que oito novos alunos foram admitidos em outubro p.p. e formaram uma classe de articulação que foi confiada ao senhor Souza, enfim, que o Dr. Lobo ministra a partir de dezembro os cursos normais a cinco candidatas e três candidatos".

Os programas de ensino do Instituto, redigidos pelo Dr. Lobo, são fortemente inspirados pelos do Instituto de Paris, isto é, baseados no método intuitivo oral puro, no que se refere à fala.

Neste Instituto funcionam também, a exemplo do Instituto Nacional de Paris, muitas oficinas: marcenaria, alfaiataria, sapataria, tipografia, impressão. A abertura destas oficinas provava já que os deficientes auditivos eram capazes de aprender várias profissões. Os resultados foram tão positivos que a maior parte dos gastos do Instituto eram cobertos pelo resultado do trabalho dos alunos.

O Dr. Luiz Lobo publica dois artigos sobre fonética: "Das consoantes duplas"*, "Da silabação"***.

O Prof. Pavão de Souza publicou "O Instituto de Surdos-Mudos Araújo Porto - Histórico de sua fundação"***.

2) Estágio do Prof. Cruz Filipe e do Prof. Brito Vasconcelos (1907-1909).

A porcentagem dos surdos aumenta na Casa Pia de Lisboa; a necessidade de novos professores especializados se faz sentir.

* Revue Internationale de l'Enseignement des Sourds-Muets. agosto-setembro - 1894.

** Idem - Janeiro - 1895.

*** Idem - fevereiro-março - 1896.

Em 1907, Costa Pinto envia dois professores ao Instituto Nacional de Paris, para se especializarem no ensino de surdos: senhor da Cruz Filipe e senhor Eugênio de Brito Vasconcelos. Por motivo de saúde, Vasconcelos não pôde terminar seu estágio. Ele deixa Paris após alguns meses, retorna à Casa Pia para reassumir seu cargo; (suas aptidões e capacidades de trabalho são, aliás, excepcionais). Infelizmente, ele morre, a 4 de abril de 1912. Quanto ao senhor Cruz Filipe, ao regressar de Paris é nomeado professor da Casa Pia e aí permanece de 1909 até sua aposentadoria. Passa então a representar Portugal no Conselho de Administração do "Bureau International d'Audiophonologie" situado em Bruxelas - 16 - rua J. B. Vandercammen, n° 29.

É nesta época, por volta de 1915, que um dos professores da Casa Pia, Tomás dos Santos Vieira, se sente atraído pelo ensino dos surdos no Brasil; ele parte para este país e seu trabalho é bem conhecido. No mês de fevereiro de 1967, recebemos uma carta do Prof. Barreto, do Instituto Nacional de Surdos do Rio de Janeiro, que nos fornece alguns dados sobre esse professor português: "O professor Tomás dos Santos Vieira ensinou durante longos anos aos deficientes auditivos, em São Paulo. Está já bem idoso; nós o conhecemos bem, assim como alguns de seus alunos, que possuem uma excelente cultura".

Nesta época, também o médico otorrinolaringologista Dr. Carlos Ary dos Santos acompanha os trabalhos do Instituto durante longo tempo e sua colaboração é muito apreciada. Publica alguns trabalhos: "O ensino dos Surdos-Mudos em Portugal", Lisboa - 1918; "A surdo-mudez: estudo médico-pedagógico" - Lisboa - 1920.

B - Criação do Curso Normal em Lisboa (1913).

Em 1905, o mantenedor da "Casa Pia", Jaime Artur da Costa, solicita do governo os meios necessários para reorganizar o Instituto de Surdos. Ele deseja ver aplicado o método intuitivo-oral e queria utilizar o material pedagógico mais moderno para este ensino especial. Com este objetivo, convida um

professor de rara competência; Nicolau Pavão de Souza, que havia seguido os Cursos do Instituto de Paris, de 1893 a 1894, e que se encontrava no Instituto do Porto. Este toma seu lugar no dia 20 de abril de 1906 e se consagra com paixão a esta obra. Ele encomenda, nesta época, com exemplares do álbum "O francês pela imagem", à livraria Delagrave de Paris. Cansado e esgotado pela tuberculose, Pavão de Souza tem que se afastar momentaneamente do ensino, em abril de 1910.

Em 25 de abril de 1913, o Dr. Antônio Aurélio da Costa Ferreira, diretor da "Casa Pia", organiza um Curso Normal para a preparação de novos professores de surdos. O professor Nicolau Pavão de Souza é escolhido como diretor deste Curso. Apesar de sua saúde deficiente, ele assume tais funções, brilhantemente. Mas morre no dia 22 de dezembro de 1913, no final do primeiro ano de Curso. A Revista Geral do Ensino de Surdos-Mudos* anuncia este acontecimento nos seguintes termos: "... Sua perda será vivamente sentida tanto no Instituto da rua Saint Jacques onde sua lembrança não será extinta, como na Casa Pia, que lhe devia a introdução do método oral...".

O Professor Cruz Filipe, que tinha seguido o Curso de formação em Paris, substitui Nicolau Pavão de Souza na direção do Curso Normal. Este Curso prevê dois anos de trabalhos teóricos e práticos.

O programa compreende as seguintes matérias:

- Generalidades relativas à surdo-mudez;
- História da arte de instruir e educar os surdos;
- Anatomia e fisiologia dos órgãos da audição e da fonação;
- Pedagogia especial;
- O método intuitivo e oral;
- Exercícios práticos.

* Revue Générale de l'Enseignement des Sourds-Muets - Paris - janvier, 1914.

Dos cincoenta professores que se inscreveram para seguir estes cursos, somente oito chegam ao final dos estudos. Após a nomeação dos novos professores, o ensino atinge um nível satisfatório, apesar das más instalações da seção masculina.

IV - Reforma do ensino dos surdos (1941).

A - Medidas Iniciais.

Pelo decreto nº 1522, de 21 de abril de 1915, Costa Ferreira obtém para os alunos semi-internos o direito da gratuidade de uma refeição por dia e de fornecimento de materiais escolares.

O Instituto reorganizado comporta, então, duas seções. A seção feminina é instalada no bairro Santa Isabel. As meninas recebem a instrução primária, uma iniciação aos trabalhos manuais, ao desenho e à arte culinária e trabalhos domesticos. Esta educação prática e feminina permite a estas adolescentes uma promoção até então negligenciada. É um primeiro passo, e bastante promissor, para a integração social da deficiente auditiva portuguesa.

Este período de estabilidade, entre 1915-1941, é devido, acreditamos, de um lado à ajuda financeira trazida ao Instituto e, por outro lado, à presença de uma diretora eminente que, nomeada em 1915, aposenta-se em 1941.

As alunas são, então, confiadas às Irmãs Franciscas da Imaculada Conceição, cuja sede fica na Espanha, onde foi recebida sua formação pedagógica, e que, em seguida, vieram para Portugal a fim de continuarem sua missão.

Na seção masculina, instalada em Belém, rua dos Jerônimos, os alunos recebem o ensino primário e seguem os cursos de desenho elementar e de desenho profissional, de acordo com as necessidades das profissões aprendidas: marcenaria, carpintaria, serralheria, marmoraria, pintura, ourivesaria, sapataria e alfaiataria.

Em 1941, este Instituto para meninos, que até então funcionava como seção anexa à Casa Pia de Lisboa, torna-se oficialmente o Instituto de Surdos-Mudos Jacob Rodrigues Pereira.

B - Reorganização pedagógica do Instituto Jacob Rodrigues Pereira (1942).

Em dezembro de 1942, tomando consciência de que uma reforma a nível nacional se fazia urgente no domínio da educação dos surdos, o mantenedor da "Casa Pia" no Instituto Jacob Rodrigues Pereira desenvolve os meios de proteção da criança excepcional e empreende uma reorganização, tendo em vista uma eficiência pedagógica maior. O problema dos surdos é, então, visto sob um ângulo maior e começa-se a buscar os meios para conseguir soluções adequadas. Mais deficiências são observadas na organização:

- a) ausência de instalações próprias;
- b) falta de professores especializados, em função da população escolar. Os Cursos Normais são raros nesta época. Mr. l'Argenton, em sua tese "De la formation des Professeurs de Sourds-Muets"(1938), não faz nenhuma menção sobre esta formação em Portugal. Certamente este País fazia parte dos que não tinham respondido a seus questionários.
- c) ausência de serviços médicos especializados para colaborar com seus ensinamentos;
- d) ausência de um pessoal informado na educação dos surdos, para que a ação do professor seja continuada fora da classe.
- e) insuficiência notória da biblioteca do Instituto.

A primeira tentativa de reforma do ensino dos surdos na Casa Pia ocorre em 1941, no momento em que a seção feminina é confiada à Congregação das Irmãs Franciscanas. Mais tarde, em 1947, este Instituto de meninas, dirigido pelas mesmas

religiosas, é transferido para o Porto, após um acordo de cooperação entre o Instituto de Assistência aos Menores de Lisboa e a Santa Casa de Misericórdia do Porto.

Enquanto que as meninas recebem educação no Porto, os meninos do Instituto Araújo Porto são atendidos no Instituto Jacob Rodrigues Pereira, em Lisboa. Para aliviar o Instituto Jacob Rodrigues Pereira, as Irmãs Franciscanas aceitam fundar um novo Instituto em Lisboa para os meninos, conservando o das meninas no Porto. Notemos que as Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, vindas da Espanha, têm como missão principal a educação das crianças surdas.

No Instituto Jacob Rodrigues Pereira, um museu pedagógico é aberto e uma biblioteca começa a receber inúmeras obras especializadas, ao mesmo tempo em que um bom número de revistas estrangeiras circulam no Estabelecimento.

C - O Dr. Tavares no Congresso Internacional de Gronningue (1950).

No mês de junho de 1950, o mantenedor da Casa Pia de Lisboa vai representar seu país no Congresso Internacional de Educadores de Surdos da cidade holandesa. Esta viagem permite ao mantenedor entrar em contato com um grande número de personalidades de vários países, que colocam em comum suas descobertas e seus progressos. Destes encontros ocorrem preciosas conclusões para a reorganização do ensino de surdos em Portugal. Após o Congresso, o mantenedor, Dr. Tavares, visita vários Institutos na Holanda, Bélgica, Suíça, Itália, Inglaterra e França. Para melhor documentar-se, ele volta no ano seguinte à Itália e à Suíça.

D - O professor Gonçalves Amaral na Universidade de Manchester (1951-1952).

Durante o ano escolar de 1951-1952, o Prof. A.C. Amaral parte para a Inglaterra a fim de se especializar no ensi

no dos surdos na Universidade de Manchester. É contemplado com uma bolsa do Instituto de Altos Estudos e foi escolhido pelo mantenedor da Casa Pia, Dr. Tavares. De volta a Lisboa, é nomeado Diretor do Instituto Jacob Rodrigues Pereira e, ao mesmo tempo, do Curso Normal.

E - A Associação Portuguesa para o progresso do Ensino dos surdos (1952).

Os trabalhos para a reorganização do ensino dos surdos, que se inicia em 1942, comportam um grande plano de ação educativa e de assistência, tendo por objetivo elevar o surdo português ao mesmo nível que o dos outros países. Durante muitos anos, a surdo-mudez fornece matéria para importantes trabalhos médico-psico-pedagógicos, visando a melhor readaptação dos surdos. Neste espírito, é fundada em 1952, pelo Dr. Tavares, a Associação Portuguesa para o progresso do Ensino dos surdos. Esta Associação tem sua sede no Instituto Jacob Rodrigues Pereira e seus estatutos são aprovados pelo Ministério da Saúde no dia 6 de março de 1952.

Com o objetivo de promover intercâmbio cultural entre o estrangeiro e os profissionais especializados no ensino dos surdos em Portugal, a Associação cria, em 1955, a revista bianual "A criança surda", onde se encontra, no final de cada artigo, um resumo em francês e outro em Inglês.

A partir de 1950, graças a inúmeros esforços do Dr. Tavares, o ensino conhece um desenvolvimento prodigioso. Este grande benfeitor, favorecendo a formação do Professor Amaral na Universidade de Manchester, permitiu, em particular a este, retornar a Lisboa e reabrir o Curso Normal. Todo o país, de agora em diante, poderá assistir à criação, aqui e ali, de novos Institutos, reabilitando-se assim os deficientes auditivos de todo Portugal:

Em 1957

- Colégio São Francisco de Sales
Rua Dona Estefânia - Lisboa 1.

- 1964 - Instituto de Surdos de Bencanta.
Bencanta - Coimbra.
- 1965 - Instituto de Surdos de Funchal
Rua Dr. Sidônio Pais 15A.
- Janeiro 1968 - Instituto de Surdos de Ponta Delgada.
Rua de Lisboa, nº 50.
Ponta Delgada - Açores.
- Janeiro 1968 - Instituto de Surdos do Porto.
Porto.
- Funcionaria - Instituto de Surdos de Beja.
em 1969. Beja.
- Encontrava-se - Instituto de Deficientes Auditivos,
em Projeto. Deficientes Mentais.
Porto.

Estes novos Institutos são beneficiados pela longa experiência dos três Estabelecimentos, dos quais falamos no decorrer deste capítulo:

- Instituto Jacob Rodrigues Pereira
Rua dos Jerônimos - Lisboa 3.
- Instituto Araújo Porto.
Rua Joaquim Vasconcelos, nº 55 - Porto.
- Instituto da Imaculada Conceição
Rua da Borja, 6 - Lisboa 1.

Percorrendo estas páginas sobre o histórico da educação dos deficientes auditivos em Portugal, experimenta-se certa angústia diante do nascimento lento e laborioso do interesse por este tipo de deficiência sensorial.

Na plêiade de educadores que, apesar das inúmeras dificuldades, se debruçaram sobre o problema do deficiente auditivo, deve ser sublinhado o nome do primeiro entre eles, J. A. de Freitas Rego (1822) e o da Infanta Dona Isabel Maria, a quem é devida a criação do primeiro Instituto, em 1823.

Entre outros, não podemos deixar de lembrar o no me de Miranda Barros (1892), notável pelo valor de seus prin- cípios pedagógicos:

- importância da linguagem falada;
- luta contra o sinal mímico;
- seleção dos alunos de acordo com seu nível mental, ida de e grau de instrução.

Notemos também que vários países exerceram sua influência no ensino dos deficientes auditivos em Portugal:

- a Suécia (1823);
- a França (1893);
- a Espanha (1941) e
- a Inglaterra (1951).

É justo reconhecer o lugar importante que cabe à França na formação de professores portugueses que, em seguida, organizaram Cursos Normais em seu país. É assim que vemos, em 1893-1894, o Dr. L. A. Rodrigues Lobo e o Prof. N. Pavão de Sou za seguirem os cursos do Instituto Saint Jacques e, em 1909, os Professores J. da Cruz Filipe e E. de Brito Vasconcelos aí se especializarem, por sua vez. E mesmo antes da ida à França destes professores, foi um francês, Anicet Fusillier, que em 1890 dava ao ensino dos surdos em Portugal um notável desenvolvimento. E é preciso sublinhar que o mesmo A. Fusillier introduz o ensino oral em Portugal, este ensino oral que, fato curioso, o português J. Rodrigues Pereira tinha sido o primeiro a praticar na França.

Uma das últimas etapas pela qual passou a educa- ção dos deficientes auditivos em Portugal situa-se por volta de 1941, com a chegada das Franciscanas, religiosas espanholas, es pecializadas neste ensino, permitindo a estas crianças excepcio

naís entreverem um futuro mais favorável. Todavia, o animador da grande reforma de 1950 é o Dr. Tavares, mantenedor, então na Casa Pia. Ele é um dos pioneiros do ensino dos surdos neste país. Ele se consagra a esta causa com um devotamento sem limite, uma tenacidade inquebrantável e um senso humano que levam à admiração.

No final da década de 60, a educação dos deficientes auditivos conhece uma melhora crescente em seus métodos, ao mesmo tempo que uma certa estabilidade na administração geral de seus interesses. Neste último ponto, nós prestamos homenagem ao dinamismo perseverante do Sr. A. G. Amaral, Chefe do Serviço Técnico do Ensino dos deficientes sensoriais, e do Dr. Carlos Pinto Ascensão, Inspetor de Estudos.

CAPÍTULO II

DADOS GERAIS (1966)

I - Elementos de Estatística.

A superfície de Portugal é de 91.721 km² e sua população em 1966, aproximava-se a 9.000.000 de habitantes.

Quantos deficientes auditivos existem neste país?

Através do recenseamento geral da população, feito em 1960, encontrava-se na península e nas ilhas dependentes, um total de 7.266 indivíduos deficientes auditivos, 4.046 do sexo masculino e 3.220 do sexo feminino.

Como o total da população deste país era, na época, de 8.889.392 habitantes, a percentagem estabelecida aproximava-se a 8 deficientes auditivos para 10.000 habitantes e 1 deficiente auditivo para 1.224 habitantes.

Na década de 50 o número de deficientes auditivos diminuiu, o que prova que os progressos da higiene e da medicina trouxeram melhora sensível neste campo.

Os dados numéricos relativos a esta evolução são relatados no quadro abaixo:

ANO	POPULAÇÃO	DEFICIENTES AUDITIVOS	DEFICIENTES AUDITIVOS POR 100.000 hab.
1900	5.426.659	3.020	56
1911	5.960.056	3.451	58
1920	6.032.991	4.852	80
1930	6.825.883	3.560	52
1940	7.722.152	6.477	84
1950	8.441.312	9.319	110
1960	8.889.392	7.266	82

A maior densidade de deficientes auditivos coincide, de uma maneira geral, com as maiores altitudes do país, e a menor densidade com as regiões baixas. Segundo a Srta. Castelo Branco*, as causas que justificariam a maior densidade de de

* Srta. Castelo Branco - Tese: "Estudo dos problemas relativos aos deficientes auditivos portugueses" (1965).

ficientes auditivos ao Norte do país seriam, de um lado, o caráter montanhoso e o clima destas regiões, e, por outro lado, a frequência dos casamentos entre pessoas da mesma família. Esta última causa parece-nos ainda mais determinante que a primeira, pois tais casamentos favorecem a transmissão, de uma geração a outra, dos gens da surdez.

Os meios de comunicação entre a montanha e a planície não são frequentes, sendo esta a causa dos casamentos consanguíneos. Este fator é difícil de ser eliminado, pois sendo a montanha menos povoada que a planície, o preço de custo das estradas praticáveis é exorbitante, se considerado em relação ao pouco aproveitamento que se tira delas no resto do país.

Pode-se juntar a este fator uma alimentação uniforme, baseada principalmente, quando não exclusivamente, nas únicas fontes naturais do país - de onde provêm numerosas privações, e privações que se manifestam há muitas gerações.

A Srta. Castelo Branco observa que, nas regiões montanhosas do país, o resultado das medidas higiênicas e clínicas é muitas vezes precário.

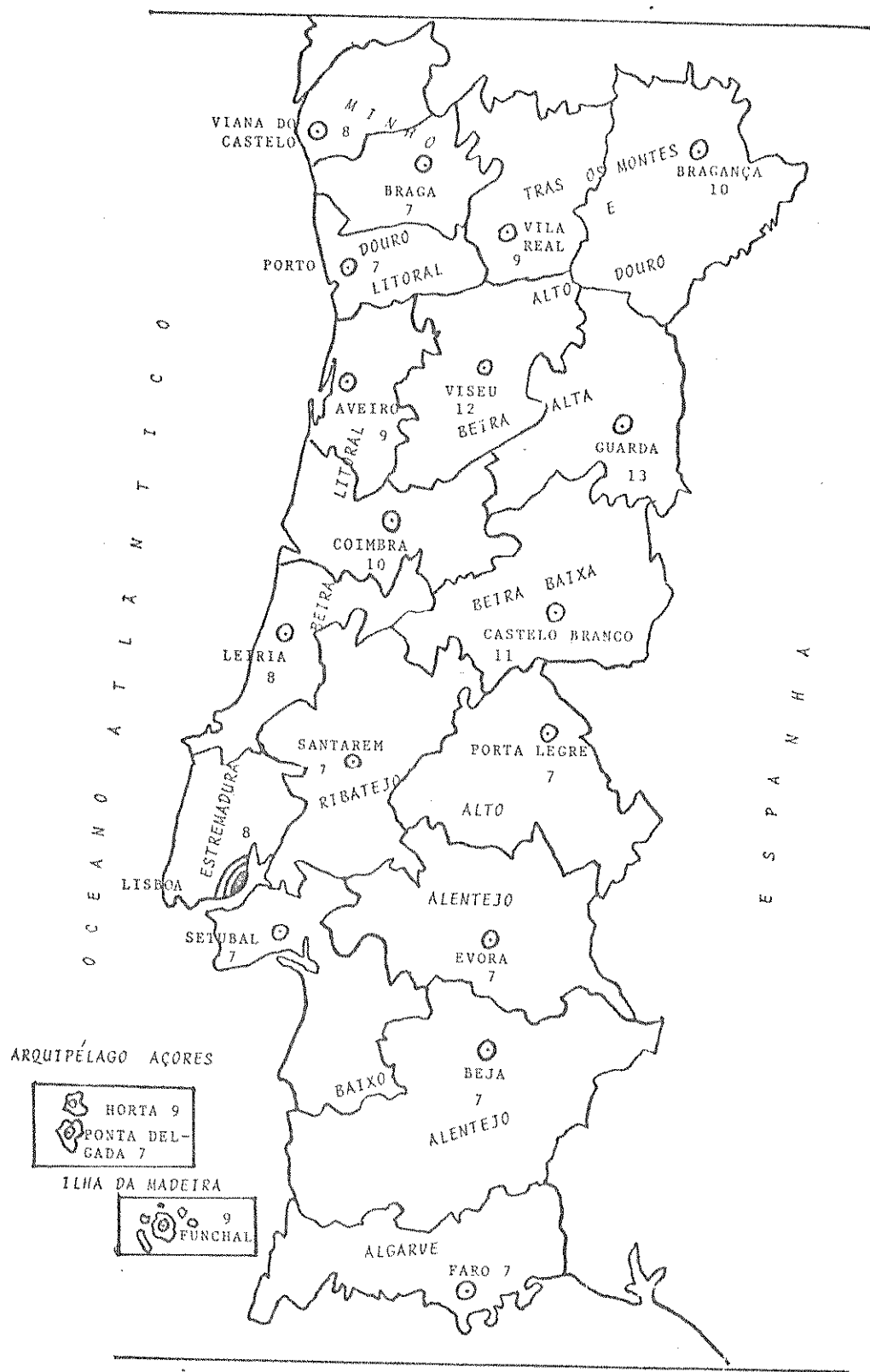
Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística, para o recenseamento de 1960, sobre 7.266 deficientes auditivos, somente 1.710 sabiam ler. Ora, nesta época 5.081 deficientes da audição tinham ultrapassado a idade normal de escolaridade, o que quer dizer que 66,0% dos deficientes auditivos com mais de 20 anos eram analfabetos. Dos 7.266 deficientes auditivos do país, 1.400 têm menos de 20 anos e entre eles 770 têm menos de 10 anos.

O sr. Antonio Gonçalves Amaral, chefe do Serviço Técnico do Ensino de deficientes sensoriais, observa que em média, cada ano, 70 novos candidatos com mais de 10 anos apresentam-se nos diversos Institutos do País.

Se cada caso fosse tratado em um estabelecimento de ensino especial, durante 14 anos em média, ter-se-ia, em permanência, 1.078 crianças nos estabelecimentos portugueses.

Se admitirmos que os casos de surdez tendem a di

PORCENTAGEM DE DEFICIENTES AUDITIVOS NO PAÍS (1960)



LETRAS MAIÚSCULAS - Províncias



- Capital do País

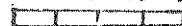


- Capitais dos Distritos

NÚMEROS: Porcentagens por 10.000 habitantes.

ESCALA

0 15 30 45 60 Km.



minuir na tenra idade, graças à medicina preventiva e aos cuidados no tratamento de doenças infantis, poder-se-ia dizer que os estabelecimentos existentes e previstos seriam suficientes para preencher as necessidades do País.

II - Diagnóstico dos Deficientes Auditivos.

As famílias de crianças deficientes auditivas são informadas da existência de Institutos de Ensino Especial, pelos Serviços Audirológicos anexos aos hospitais do país e pelas delegações de Institutos de Assistência à Família, distribuídos nos diferentes distritos.

Os principais centros de diagnóstico são, portanto, os Serviços de Audiologia e de Otorrinolaringologia dos hospitais e as delegações, nos distritos, do Instituto de Assistência Psiquiátrica.

Os casos de diagnóstico difícil são examinados pelo Centro de Higiene Mental Infantil de Lisboa.

Todos os dossiês e pedidos de admissão de crianças deficientes auditivas são enviados a Lisboa, ao Instituto de Assistência a Menores, que é uma das seções do Ministério da Saúde e de Assistência.

O Instituto de Menores pode, em alguns casos, limitar-se a confirmar uma admissão que é autorizada diretamente por um Instituto de deficientes auditivos, mas isto não é uma rotina.

A idade com a qual as crianças são encaminhadas para os Institutos de Deficientes Auditivos é bastante variável: entre 3 e 8 anos.

Nesses últimos anos constatou-se um progresso neste ponto, pois um grande número de pais se preocuparam com este exame entre 3 e 5 anos. Esta melhora manifesta-se sobretudo na região central de Portugal, onde se encontra o Instituto de Bencanta, em Coimbra.

A - Métodos de diagnóstico.

a) Determinação do nível auditivo.

O audiômetro tonal é largamente usado. Em geral, as duas conduções, por via aérea e por via óssea, são examinadas.

O "peep-show" não parece ser empregado. Não conseguimos ver os testes de audiometria tonal.

Em abril de 1961, o Prof. Amilcar Castelo Branco publica na revista "A criança surda" (nº 6) um estudo sobre "A etiologia da surdez e o audiograma". Seu trabalho é feito sobre uma centena de crianças deficientes auditivas do Instituto Jacob Rodrigues Pereira. Citaremos alguns resultados de seu estudo, que mais nos interessam neste momento: 50,0% das crianças examinadas tornaram-se surdas após seu nascimento; a meningite era na época, em Portugal, o fator etiológico que mais contribuía para a deficiência auditiva; 34,0% das crianças tornaram-se surdas devido a esta doença. A consangüinidade revelava-se também como um dos fatores preponderantes na etiologia da surdez: 13,0% dos indivíduos nascidos surdos provinham de casamento consangüíneos.

O professor Amilcar Castelo Branco, em outro estudo sobre "A condução óssea e o diagnóstico da surdez na audiometria tonal limiar", utilizando o audiômetro "Amplivox" e fazendo sua experiência em 82 alunos do Instituto da Imaculada Conceição e do Instituto Rodrigues Pereira, na faixa etária de 6 a 13 anos, revela os seguintes graus de surdez:

TIPOS DE SURDEZ SEGUNDO O NÍVEL DAS CURVAS	PERDAS EM DECIBÉIS	Nº DE ALUNOS	PORCENTAGEM
Surdez leve	0—30	1	1,2
Surdez moderada	30—60	7	8,6
Surdez severa	60—90	33	40,3
Surdez profunda	90—100	36	43,9
Surdez total	—	5	6,0

Outra estatística permite observar a qualidade de da surdez:

TIPOS DE SURDEZ SEGUNDO A NATUREZA	NÚMERO DE CRIANÇAS	PORCENTAGEM
Surdez de transmissão	4	4,8
Surdez de percepção	3	3,7
Surdez mista	75	91,5

Observando as tabelas acima, assimilaremos algumas das conclusões do Prof. Amilcar Castelo Branco.

- 1) As crianças atingidas por uma surdez de transmissão devem ser examinadas nas clínicas otológicas, onde podem beneficiar-se de um tratamento ou de uma intervenção cirúrgica;
- 2) Se somente 6,0% das crianças observadas são surdas totais, isto prova que o treinamento auditivo por meio de amplificadores eletrônicos é uma técnica das mais eficazes a ser utilizada na educação dos deficientes auditivos;
- 3) Entre as crianças examinadas, algumas revelaram uma audição melhor por condução óssea do que por condução aérea, de onde vem a importância, para estas crianças, de uma prótese auditiva que aproveite a melhor condução;
- 4) Às crianças com idade inferior a 6 anos e aos surdos de deficientes mentais, é aconselhável o uso do "Peep-Show", ou dos reflexos psico-galvânicos.

Este estudo do Prof. A. C. Branco pareceu-nos de grande valor, pois ele mostra que um exame aprofundado do estado auditivo dos alunos de um estabelecimento permite tirar conclusões pedagógicas interessantes.

b) Determinação do nível mental.

Os testes utilizados nos diversos centros de

diagnóst. assim como nos vários Institutos, e dos quais pudemos observar as experiências, foram:

- Borel Oléron;
- Borel-sonny;
- Desenho homem de Goodnough;
- Cubos de s;
- Labirintos Porteus;
- Wisc Perfo.;
- Figura completa de Rey;
- Test do mun - Buhler;
- Alexander.

Alg destes testes foram objeto de análise em teses de professor de deficientes auditivos.

Em 1 , a Sra. Fernandes escolhia como tema de sua tese "A apresentação e estudo da escala de performance Nebraska test of Learning aptitude". Assinalaremos aqui algumas de suas conclusões.

"Pensamos que seu principal inconveniente era a prolongação excessiva do teste motivo pelo qual seria necessário excluir algumas provas sem interesse para a criança, como por exemplo: "Memory for digits", para as crianças de 8-10 anos, e a de "Pliages" para as de idade inferior". A Sra. Fernandes revela também que "uma revisão das provas de Memória de cores e da analogia das imagens seria necessária em uma nova graduação para crianças surdas portuguesas".

Uma das conclusões da Sra. Fernandes chamou-nos particularmente a atenção: "Se observarmos as reações das crianças face às diversas provas, constata-se que elas reagiram melhor àquelas onde o raciocínio, a observação e a associação de idéias têm um lugar mais importante do que aquelas que necessitam de atenção e memória". Desta constatação conclui-se a necessidade de dar um desenvolvimento maior a estas duas atividades mentais.

Pessoalmente, nossas observações cotidianas nos levariam a conclusões contrárias.

A Sra. Ribeiro Simões da Costa, em sua tese sobre "A aplicação da Escala de Wechsler para a criança" (1956), deseja uma modificação na construção de estorietas ilustradas, que foram realizadas segundo o nível de conhecimentos do povo americano.

A psicóloga do Instituto de Bourg-la-Reine(França), não está de acordo com este parecer; seu ponto de vista é que as estorietas ilustradas apresentam cenas da vida universal.

Uma terceira tese, sobre a "Aplicação do teste Borelli-Oléron (1956) nas crianças surdas portuguesas", da Sra. Borges Simões da Costa, aprecia o trabalho dos autores franceses: "Na França, Borelli e Oléron organizaram recentemente uma escala de realização destinada em particular às crianças surdas. Ela é aplicada nos Institutos franceses. Todas as nações desejam ter uma escala graduada de tal sorte que ela traduza seguramente o nível mental destes indivíduos. Em Portugal ninguém realizou ainda testes graduados para os surdos...".

A Sra. Borges Simões da Costa diz do teste B.O.: "Um teste que aprecia a inteligência por um processo não verbal e tanto quanto possível através da realização de trabalhos manuais é aquele que melhor se ajusta ao deficiente auditivo de 5 a 8 anos, que nesta idade não sabe ainda expressar convenientemente seu pensamento através da linguagem escrita ou falada".

Mais adiante, em suas conclusões, a Sra. Borges Simões Costa propõe algumas modificações do teste B.O., em particular quanto às provas do Manequim e aos cubos de Knox. Propõe que a prova do Manequim tenha maior número de peças, para apresentar um pouco mais de dificuldade na sua construção: por exemplo, que as pernas sejam cortadas ao nível do joelho ou que os pés sejam separados das pernas. Quanto a este aspecto, a psicóloga do Instituto de Bourg-la-Reine está totalmente de acordo, e acrescenta que o tempo deixado à sua reconstrução seja mais limitado, considerando excessivos os cinco minutos que são concedidos.

A Sra. Borges Simões da Costa acredita que se deveria também apreciar os resultados parciais dos êxitos, nas

provas com os cubos de Knox. Aqui também a psicóloga de Bourg-la-Reine não aprova esta idéia, pois a prova com os cubos de Knox já é demasiadamente difícil.

Parece que estas observações sobre o diagnóstico deveriam ser complementadas pelos dados fornecidos no momento da seleção, problema primordial; mas trataremos deste assunto no parágrafo que aborda a organização escolar.

III - Os Institutos para Deficientes Auditivos.

A - Região Norte: três Institutos no Porto, sendo que um estava em fase de projeto:

a) Instituto Araújo Porto.

O Instituto Araújo Porto pertence à Misericórdia do Porto e é dirigido pelas Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição. Este é um dos mais antigos Institutos de Portugal. Ele atende 180 alunos do sexo feminino.

b) Instituto do Porto.

No Porto, encontramos também um Instituto totalmente novo, que recebe em média 50 alunos do sexo masculino.

c) Instituto para deficientes auditivos débeis mentais.

Ainda no Porto, estava sendo projetada a criação de um Instituto para deficientes auditivos débeis mentais. Esta medida parece-nos importante, e os professores dos diversos Institutos Portugueses alegravam-se com o fato.

B - Região Central: apenas um Instituto em Coimbra.

O Instituto Bencanta é um dos mais modernos de Portugal. Acolhe atualmente uma centena de crianças deficientes auditivas de 3 a 7 anos de todo o país. Um novo pavilhão acaba de ser aberto para receber 50 crianças na faixa etária de 7 a 12 anos.

Neste estabelecimento piloto, tudo foi previsto para receber deficientes auditivos em tenra idade. Portanto, es

te Instituto, em princípio, só fica com os alunos durante os anos de desmutização. Em seguida, são encaminhados para os outros Institutos do País, ou para o novo pavilhão construído ao lado do estabelecimento para os pequeninos. Mas previa-se a criação de um novo Instituto nesta cidade, que receberia as crianças após sua desmutização, até o final de sua formação profissional.

C - Região Sul: três Institutos em Lisboa e um Instituto em Beja.

a) Em Lisboa: Instituto Jacob Rodrigues Pereira.

O Instituto Jacob Rodrigues Pereira é o líder dos diversos Institutos em Portugal. Neste Instituto são proporcionados cursos para os professores que se preparam para o ensino dos deficientes auditivos. Contava na época com mais de 250 alunos do sexo masculino, distribuídos em duas seções bem distintas. Estas duas seções são denominadas "Pina Manique" e "Dona Maria Pia". Elas pertenciam à "Casa Pia". Esta grande organização recebe suas diretivas do Ministério da Saúde.

A "Casa Pia" encarrega-se da educação de um grande número de crianças de idade escolar e de adolescentes, tanto ouvintes como deficientes auditivos. Entre seus diversos estabelecimentos e seções, encontram-se as duas seções destinadas a receber surdos. Na seção "Dona Maria Pia", denominada Seção C do Instituto Jacob Rodrigues Pereira, existe uma centena de deficientes auditivos e quatrocentos e cinquenta ouvintes; na Seção "Pina Manique", ou Seção A do Instituto Jacob Rodrigues Pereira, há mais ou menos cento e cinquenta surdos e quinhentos ouvintes. Fora da sala de aula, deficientes auditivos e ouvintes vivem em comum.

b) Instituto Imaculada Conceição.

O Instituto Imaculada Conceição é dirigido pelas Irmãs Franciscanas. Estas religiosas dispensam o ensino para uma média de oitenta alunos do sexo masculino. As crianças chegam por volta de cinco a sete anos e saem no final do 1º grau, quando são encaminhadas para o "Centro Profissional Dona

Maria Pia" ou para o "Centro Profissional de Pina Manique".

c) Colégio São Francisco de Sales.

É o único Instituto particular do País. Recebe meninos e meninas. O regime é o externato, para um total de 70 alunos. Uma Assistente Social trabalha em tempo integral neste colégio. O estágio desta profissional, que é feito no Instituto Jacob Rodrigues Pereira, favorece bastante a comunicação entre Pais e Mestres.

Beja.

O Instituto de Beja, que deveria ser aberto num futuro bem próximo, seria dedicado às meninas da região sul, podendo receber uma centena de deficientes auditivos.

D - Ilha da Madeira: Instituto de Funchal.

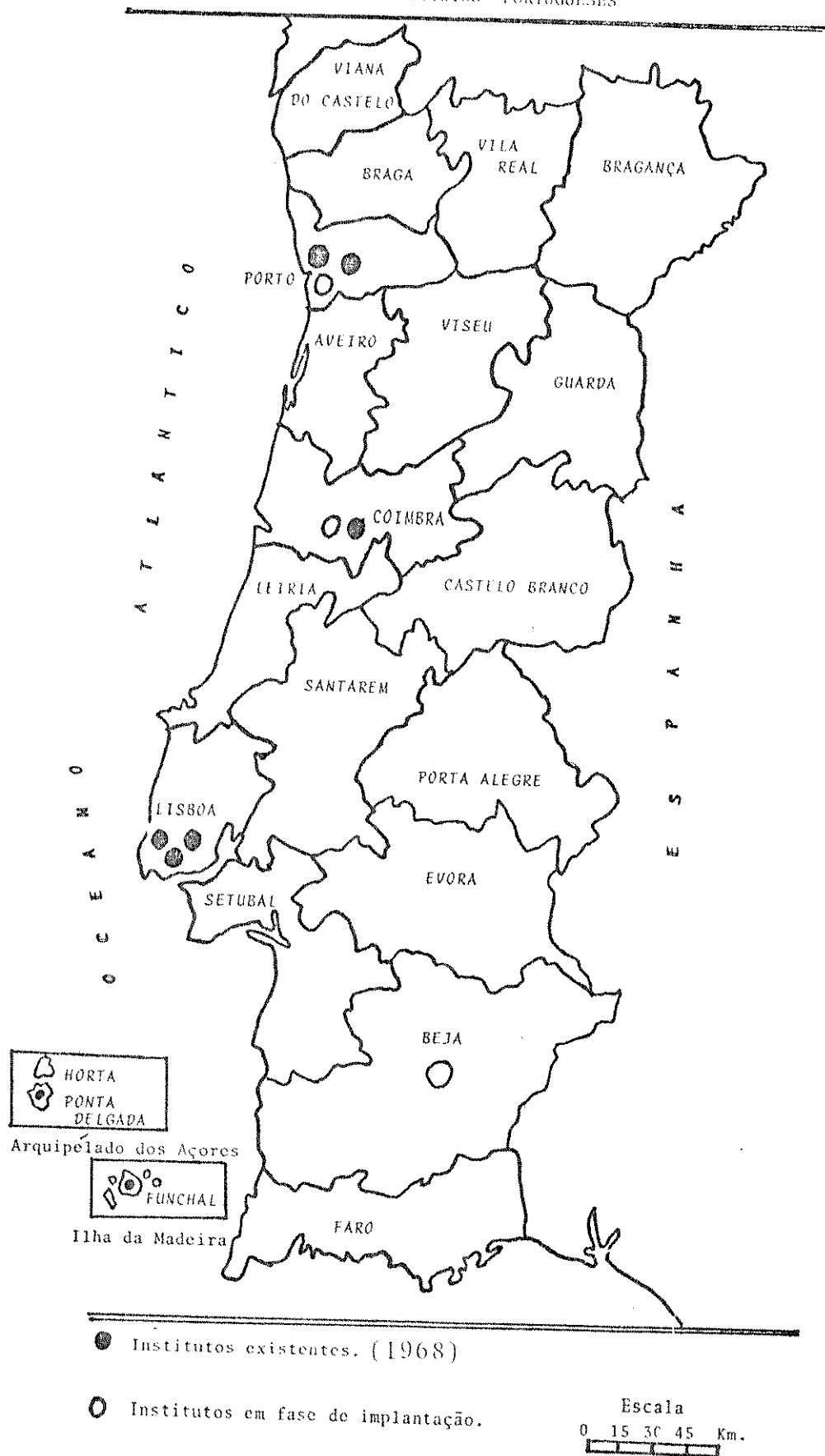
Em Funchal, capital da Ilha da Madeira, encontra-se um moderno Instituto que recebe por volta de trinta deficientes auditivos de ambos os sexos. Um novo pavilhão estava em projeto, o que permitiria que fossem acolhidos no Instituto de Funchal uma média de cinquenta crianças deficientes auditivas.

E - Ilha de São Miguel: Instituto de Ponta Delgada.

O estabelecimento para deficientes auditivos em Ponta Delgada recebe por volta de cinquenta crianças. É surpreendente, à primeira vista, um número tão grande de excepcionais sensoriais, para uma população tal qual é a desta ilha, que só conta com 21.000 habitantes. Mas basta observar que o estabelecimento recebe também crianças vindas dos Açores, povoado por um total de 320.000 habitantes.

O quadro sinótico a seguir recapitula os dados essenciais sobre os estabelecimentos para deficientes auditivos em Portugal.

IMPLANTAÇÃO DOS INSTITUTOS PORTUGUESES



REGIÃO . CIDADE:	ESTABELECIMENTO	NÚMERO DE ALUNOS		
		Meninos	Meninas	Misto
Norte	Porto	Instituto Araújo Porto.	180	
		Instituto do Porto.	50	
		Instituto para deficientes auditivos com debilidade mental.		100
Centro	Coimbra	Instituto de Bencanta.		150
Sul	Lisboa	Instituto Jacob R. Pereira.	250	
		Instituto Imaculada Conceição.	80	
		Colégio São Francisco de Sales.		70
	Beja	Instituto de Beja.	100	
Ilha da Madeira	Funchal	Instituto de Funchal.		45
Arquipélago dos Açores	Ponta Delgada	Instituto de Ponta Delgada.		50
TOTAL:		1.075 alunos		

Considerando que o Instituto para deficientes auditivos dêbeis mentais do Porto poderia receber, num futuro próximo, uma média de 100 alunos (meninos e meninas), e o de Beja, em média, 100 meninas, o Sr. Amaral estimava que, em 1969, todos os deficientes auditivos em idade escolar, em Portugal, poderiam ser convenientemente educados.

IV - Organização Escolar.

a) Alunos.

A escolaridade para os deficientes auditivos é

obrigatória. Todavia, o número dos Institutos é ainda insuficiente, sobretudo pelo fato de que, há alguns anos, as crianças chegam mais cedo: 4, 5, 6 anos.

Os surdos profundos não são separados dos surdos moderados, nem tampouco são os surdos normais separados dos surdos educáveis. Sô os surdos treináveis, imbecis ou idiotas, não são admitidos nos Institutos para deficientes auditivos: são dirigidos aos centros de psiquiatria.

Alguns estabelecimentos agrupam em uma classe especial os alunos menos dotados, o que observamos no Instituto Imaculada Conceição e no Instituto Jacob Rodrigues Pereira.

b) Os dois ciclos escolares.

A escolaridade dura, em geral, de nove a dez anos.

É separada em duas partes bem distintas:

1) Período Preparatório ou Período de Educação Sensorial.

Este primeiro período, consagrado à desmutização, dura em geral três anos.

Um programa bem determinado é fixado para cada um destes três anos (falaremos sobre este assunto mais adiante).

2) Curso Primário.

O Curso Primário dura, em geral, de seis a oito anos. Para as crianças portuguesas ouvintes, este Curso prolonga-se por quatro anos. O programa adotado é rigorosamente o mesmo que o do ensino primário para os ouvintes. A criança deficiente auditiva, não podendo seguir o mesmo ritmo que os ouvintes, é levada a repetir um ou outro desses anos.

c) Pessoal.

Cada classe, composta de doze alunos mais ou menos, está a cargo de um professor especializado. Não existem monitores. Há professores que dobram o período de aulas. Muitos professores acentuaram as vantagens indiscutíveis que lhes traria um monitor, na educação de seus alunos.

Esta necessidade é também percebida pelas autoridades e tudo fazia crer que, em breve, esta medida seria tomada. É também certo que o problema de recrutamento dos professores parece melhorar, o que favorecerá um melhor rendimento. Com efeito, a educação dos deficientes auditivos exige de nós uma longa preparação, assim como boa saúde. Parece-nos, portanto, inconcebível que um professor seja encarregado, sozinho, de ministrar aulas em duas classes, cada uma com doze alunos (e sem monitores).

Cada Instituto está sob a direção de um diretor administrativo e de um diretor pedagógico.

Somente no Colégio São Francisco de Sales é que verificamos a presença constante de uma Assistente Social.

O problema de educadores especializados ocorre em Portugal. Uma formação deveria ser-lhes ministrada, a fim de ajudá-los a melhor assumir seu papel junto às crianças, fora da sala de aula, durante os recreios, passeios, etc.

Quanto ao aspecto médico: otorrinolaringologistas, audiometristas, protesistas e foneticistas são consultados, tanto em suas clínicas quanto nos próprios estabelecimentos. Em geral, apenas atendem nas Instituições, em tempo parcial.

d) Distribuição do tempo.

Durante as quatro horas de sala de aula (8 às 12 hs. ou 14 às 18 hs.), as crianças recebem, em geral, conhecimentos acadêmicos propriamente ditos.

A outra parte do dia é consagrada aos cursos de Educação Rítmica, Educação Física, Formação Moral e Religiosa e principalmente de Ensino Profissional para os maiores.

Durante esse período, os menores têm também recreações. Passeios são organizados para todos. Um tempo de estudo é previsto para os maiores.

Esta divisão das atividades não é rigorosamente a mesma para todos os Institutos. O que acabamos de relatar aplica-se mais especialmente aos Institutos de Bencanta, Jacob Ro-

drigues Pereira, Ponta Delgada, Funchal e ao Colégio São Francisco de Sales.

Os dois outros Institutos mantidos por religiosas, isto é, o Instituto Araújo Porto e o Imaculada Conceição, seguem ritmo quase semelhante ao das Escolas Francesas, ou seja, aulas durante o dia todo.

Assim sendo, no Instituto Imaculada Conceição to das as crianças vão à aula das 9:30 às 12:00 hs. e das 15:00 às 17:00 hs. Das 19:30 às 20:30 hs. ocorre o momento de estudo.

Excluindo algumas variáveis quanto ao emprego do tempo, os diversos Institutos portugueses apresentam forte unidade na organização escolar.

Se existem problemas importantes para serem resolvidos, como o recrutamento dos professores, a colaboração dos monitores, a seleção de alunos, vale assinalar que o Corpo Docente tomou consciência destas questões e tenta resolvê-las.

V - Formação dos Professores de Deficientes Auditivos.

A - Influência Francesa (1893) e Inglesa (1952) na formação dos professores.

O primeiro Curso Normal organizado em Portugal é fortemente inspirado nas teorias e práticas existentes na França. No início deste século, o professor Nicolau Pavão de Souza segue os cursos de especialização no Instituto Nacional de Paris (1893).

De regresso ao Porto, inicia um Curso Normal.

Pavão de Souza cria mais tarde, em abril de 1913, em Lisboa, um outro Curso Normal, onde se formam oito novos professores. Este Curso é composto de dois anos de estudos teóricos e práticos. O programa é semelhante ao utilizado em Paris, nesta época.

Desde 1941, Portugal recebe as Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, que chegam da Espanha. Estas religiosas são possuidoras do certificado que as habilita ao ensino

de surdos e, além disso, ricas por uma longa experiência, pois a congregação é dedicada, como já vimos, exclusivamente ao ensino de surdos. A influência da escola francesa vem, portanto, juntar-se uma certa influência da escola espanhola.

Por volta de 1950, o doutor Pedro de Campos Tavares, Diretor Geral da Casa Pia de Lisboa, constata que em Portugal não existe um pessoal bastante informado na renovação do ensino de surdos, após as novas possibilidades trazidas pelo progresso da eletro-acústica.

Ele obtém a colaboração do "Instituto de Alta Cultura", que se propõe a contribuir na formação de novo pessoal docente, através de um contato mais direto com os meios estrangeiros.

Graças a esta colaboração do "Instituto de Alta Cultura", em 1951-1952 o British Council em Portugal dá ao Professor Gonçalves Amaral os meios para se formar professores na Inglaterra e de obter, assim, o certificado de aptidão no ensino de surdos da Universidade de Manchester.

De volta a Lisboa, o Professor Amaral organiza, em 1952-1953, um Curso Normal objetivando recrutar novos professores.

A influência inglesa vem, portanto, modificar e enriquecer os princípios diretores da pedagogia de surdos.

É no Instituto Jacob Rodrigues Pereira que o Professor Amaral dirige este novo Curso, inspirado pela teoria e prática inglesas. Tendo em vista uma renovação radical do ensino, certas condições são exigidas:

- a) ter, no mínimo, a idade de 28 anos;
- b) possuir o diploma básico da Escola Normal, com média de 7,5 a 10 pontos;
- c) passar no concurso que compreende duas provas:
 - Filosofia da Educação;
 - Psicologia da Criança.

O Curso se prolonga durante dois anos e é sancionado por um Exame do Estado.

O regulamento deste Curso é severo e complicado.

Este foi aprovado pelo sub-secretário do Ministério de Assistência Social, no dia 19 de novembro de 1952, e comporta 86 artigos.

Todavia, no dia 16 de novembro de 1954, alguns destes artigos do regulamento são modificados. No dia 20 de julho de 1961, um novo texto aprovado pelo Ministério da Saúde e Assistência substitui o anterior, de 1954.

Em 1966, um novo regulamento é estabelecido e começa a ser aplicado na formação dos professores.

Notamos que este último respondia melhor às necessidades da época, isto é, à necessidade de permitir formação especializada não somente aos professores de surdos, mas também aos "Educadores da Prê-Escola".

O ensino é dispensado de maneira bastante intensa, durante um ano, o que permite preencher rapidamente as necessidades de recrutamento.

Acreditamos, todavia, que os Cursos dados anteriormente eram mais ricos, graças às experiências e pesquisas que propunham.

Na exposição que faremos agora sobre o atual "Regulamento do Curso de Especialização de professores e educadores de crianças", citaremos alguns dados do regulamento anterior.

B - Reorganização do Curso Normal (caráter essencialmente português).

I - Organização e Finalidade.

1º) O Curso dura um ano.

Até 1965, os Cursos eram dados também durante um ano; mas os candidatos reviam o programa durante um segundo ano. Era somente ao final de dois anos que se autorizava a prestação dos exames do Estado.

2º) O Curso comporta um programa de estudos teóricos e técnicos e estágio nas classes de crianças e adolescentes

surdos.

O regulamento em vigor até 1965 solicitava, durante o Curso, um estágio nos laboratórios de psicologia e de audiometria.

3º) O programa do Curso é constituído pelas seguintes disciplinas:

- a) Psicologia e Princípios de Educação das crianças e adolescentes deficientes auditivos.
- b) Didática e Metodologia do ensino da leitura labial, o ensino da fala e o treinamento auditivo.
- c) Educação sensorial e rítmica.
- d) Técnica psicológica.
- e) Técnica audiométrica e auxiliar da audição.
- f) Acústica.
- g) Fonética.
- h) Anatomia, fisiologia e higiene do aparelho auditivo e fonador.
- i) História da Educação dos Surdos.
- j) Integração do ensino dos deficientes auditivos no quadro da Saúde Pública.

Nota: O Regulamento de 1961 exigia do candidato não somente um conhecimento das técnicas de ensino, mas a manifestação, durante seu estágio, de uma verdadeira vocação.

O programa compreendia ainda conferências sobre os temas relacionados com os problemas de educação, do ensino, da surdo-mudez, fala, etc.

O antigo Regulamento (1961) prescrevia também, para cada candidato, uma exposição oral sobre um tema escolhido por ele mesmo. O tema desta exposição devia ser publicado dois dias antes da data marcada para o debate.

Esta troca de idéias entre o candidato e o júri,

proveitosa para uns e outros, coloca o exame a nível de colaboração e integra o candidato no corpo docente, de forma exigente e humana ao mesmo tempo.

II - Direção do Curso.

A direção, organização e funcionamento do Curso estão a cargo de um Conselho Diretor, nomeado pelo Ministério da Saúde e da Assistência. O Diretor é um dos membros deste Conselho.

III - Pessoal Docente.

- 1º) As diversas disciplinas são ministradas por professores das Universidades e pelos professores dos Institutos de Surdos.
- 2º) Os professores de cada disciplina, ao final do Curso, enviam à Secretaria um resumo do conteúdo dos programas.

IV - Funcionamento do Curso.

1º) Inscrições.

- Os candidatos devem preencher as seguintes condições:
 - a) Possuir o certificado da Escola Normal ou da Formação para a Pré-Escola. O certificado só é válido se o candidato tiver sido classificado com uma média compreendida entre 7 e 10 pontos;
 - c) Ser isento de qualquer impedimento;
 - d) Exame médico.

Durante o período teórico-prático, Professores do Ensino Secundário, Médicos, Assistentes Sociais, Enfermeiros da Saúde Pública, Psicólogos e outros que se interessarem por alguma das disciplinas, são autorizados a frequentá-la. Recebem, no final, atestado de frequência aos cursos seguidos.

2º) Organização do Curso.

- Os trabalhos do Curso são repartidos em dois tempos:
Primeiro período - Teórico-Técnico (outubro a abril).
Segundo período - Estágio (abril a julho).

O primeiro período é destinado aos Cursos propriamente ditos, à observação das técnicas de leitura labial, ao treinamento auditivo e ao ensino da fala, à prática de observação psicológica e audiométrica e às reuniões de trabalho.

O segundo período é consagrado à prática do ensino nas salas de aula.

Durante o período prático, cada candidato é confiado a um técnico que o guia na sua formação; durante este estágio, cada aluno trabalha sob a direção dos responsáveis pelos estágios.

O Diretor de cada estabelecimento dirige os estágios que se desenvolvem em seu recinto.

Os alunos não podem ausentar-se além de dois dias por mês, salvo com a autorização do Diretor Geral da Assistência.

V - Exames.

No mês de março começam os exames do período teórico-técnico.

Os candidatos são examinados em cada disciplina (exame escrito).

Os exames de final de Curso ocorrem no mês de julho.

O Júri é nomeado pelo Ministério da Saúde.

Só são admitidos aos exames de final de Curso os alunos que tenham obtido a média 5,0 em cada disciplina do exame escrito; isto ocorre também no caso dos estágios.

O exame final é constituído por uma prova prática e uma prova oral:

- a) Exame prático - O candidato deve dar uma aula às

crianças surdas, durante 30 minutos, sobre um tema sorteado 48 horas antes da prova.

- b) O exame oral consiste em uma discussão sobre o método adotado durante a aula prática. O júri pode questionar sobre qualquer disciplina do Curso.

A nota final do Curso é determinada por:

- a) média dos exames do período teórico-técnico; (Coeficiente 1).
- b) média do estágio; (Coeficiente 2).
- c) média do exame final; (Coeficiente 2).

VI - Das disposições gerais.

- A direção propõe, aos futuros professores, estágios, respeitando sua preparação básica; assim sendo, por exemplo, uma professora da pré-escola atuará junto às crianças menores;

- Bolsas de estudo ou subsídios mensais são oferecidos aos candidatos, nas seguintes condições:

- a) Assinar um contrato, no qual aceitam dar aulas durante 2 anos, ao terminar o Curso, em um estabelecimento designado pelo Ministério.
- b) Reembolsar uma parte dos subsídios recebidos, se a condição acima não for preenchida.

Note: 1) Os regulamentos anteriores ao de 1966 exigiam também que o candidato defendesse uma tese; o candidato só recebia o certificado do Estado após a apresentação de sua tese. Em geral, era no final do 2º ano de pesquisas que o candidato apresentava sua tese, em seis exemplares, um mês antes da data prevista para a defesa.

Perguntamos ao diretor do Curso Normal, Dr. Carlos Pinto Ascensão, por que é que a defesa de uma tese não era mais exigida para a obtenção do certificado. Uma tese, para ter valor, respondeu ele, "deve ser o traba-

lho de uma profunda pesquisa. Sendo que necessitamos urgente de um grande número de professores, acreditamos ser preferível não fazermos tal exigência no momento".

- 2) O Curso de especialização não é ministrado todos os anos. Assim sendo, os interessados podem ser agrupados em número maior. Por exemplo, o Curso ministrado em 1966 foi concluído com êxito por trinta candidatos.

Nós apreciamos bastante, no seu conjunto, a organização do Curso Normal em Portugal. Todavia, em nossa opinião, um ano a mais seria benéfico à formação dos professores.

Alguns pontos chamaram nossa atenção:

- a) O diploma da Escola Normal, exigido como formação de base aos novos candidatos para o trabalho com deficientes auditivos, que só deveriam intervir após uma boa formação pedagógica geral, teórica e prática.
- b) A precaução em se especializar as Educadoras da Prê-Escola. Esta dupla preparação parece indispensável para uma boa educação dos deficientes auditivos, desde as classes maternas.

I - Educação Auditiva e Fala.

Em Portugal considera-se a educação rítmica como base essencial da educação auditiva e esta última constitui a parte fundamental do ensino da Fala.

Os professores de deficientes auditivos são unânimes em afirmar que a educação e o ensino da fala devem começar antes dos cinco anos, ou melhor, a partir dos dois anos de idade. Todavia, este ideal ainda não se tornou realidade.

Nos diversos Institutos em que estivemos, a maioria das crianças só eram desmutizadas a partir de 6, 7, 8 anos, com exceção de Coimbra, onde a desmutização era iniciada pelos 3, 4 anos.

A - Os auxiliares da desmutização e a educação auditiva.

Todos os Institutos possuem aparelhagem necessária a esta educação.

a) Instituto Jacob Rodrigues Pereira (Lisboa).

Encontra-se neste Instituto a seguinte aparelhagem:

- aparelhos coletivos Philips;
- audiômetro Philips em cabine insonora.

Os testes audiométricos são aplicados nas crianças de cada classe, pelo seu professor.

- coleção de 18 discos: "His master's voice".

Nestes discos, destinados à educação auditiva, são gravados ruídos, sons produzidos por objetos, gritos de animais, instrumentos.

Temos por exemplo: galope de cavalos, latidos de cães, chilrear de pássaros na floresta, apito de trens, sua marcha, aviões decolando, voando e aterrissando, fanfarras.

Em várias salas de aula, especialmente nas classes de desmutização, usa-se muito o cromoscópic.

- Cromoscópio. Este aparelho foi criado e realizado pelo

serviço da Philips belga. Seu objetivo é o de auxiliar os deficientes auditivos, facilitando-lhes a desmutização. É um meio de visualizar o fonema. Em vários países utilizava-se antigamente (e às vezes ainda se usa), com o mesmo objetivo, um amplificador associado a um osciloscópio de raios catódicos, em cuja tela fazia-se aparecer curvas correspondentes a vários fonemas. A complexidade destas curvas impedia a criança de fixar sua forma com facilidade e a levavam rapidamente ao cansaço. O cromoscópio tenta atenuar esta dificuldade, substituindo as curvas do osciloscópio por lâmpadas coloridas, as quais se acendem automaticamente desde que a criança emita, diante do microfone, uma vogal correta. Uma ou duas lâmpadas coloridas, acesas, correspondem a uma vogal. As consoantes S e CH podem também ser visualizadas.

O cromoscópio, munido de seis tubos amplificadores, cada um com sua lâmpada, funciona da seguinte maneira, para a fonética portuguesa:

- Tubo 1 - Lâmpada laranja, frequência de 50 c/s. Fonema correspondente "U".
- Tubo 2 - Lâmpada vermelha, frequência de 375 c/s. Fonema correspondente "Ô".
- Tubo 3 - Lâmpada verde, frequência de 650 c/s. Fonema correspondente "É".
- Tubo 4 - Lâmpada amarela, frequência de 900 c/s. Fonema correspondente "A".
- Tubo 5 - Lâmpada azul, frequência de 3000 c/s. Conjuntamente à lâmpada branca, tubo 6. Fonema correspondente "CH".
- Tubo 6 - Lâmpada branca, frequência de 5700 c/s. Fonema correspondente "S".
- Tubo 1 e 6 - Fonema correspondente "J".
- Tubo 3 e 4 - Fonema correspondente "O".

Infelizmente, as vogais nasais, tão frequentes na língua portuguesa, não são visualizadas pelo cromoscópio. To

davia, o cromoscópio permanece um poderoso auxiliar de visualização, na aquisição das vogais orais, assim como das duas consoantes, "S" e "CH".

Este aparelho é utilizado nos diversos Institutos portugueses. Em Bencanta, especialmente, é encontrado em todas as salas de aula, pois, como já citamos anteriormente, esse Instituto é destinado ao ensino da fala.

b) Instituto Imaculada Conceição (Lisboa).

Encontramos, aqui, aparelhos de diversas marcas.

- O audiômetro da "Electronica General Española" encontra-se em uma cabine insonora, tipo G/1 nº 0259. Esta cabine audiométrica traz a marca "Amplifon", Via Turini 26 - Milano.
- Na aparelhagem coletiva, fixa, encontramos a marca "Electronica General Española", e também a marca E.M.I. com campo magnético. As próteses individuais são em geral de marca "Amplivox-Multitone". Na capela também encontramos o circuito indutivo ou campo magnético.
- Vários alunos trazem próteses de marcas Economy (dinamarquesa), Zenith (americana).
- Para o treinamento individual, há o aparelho Multitone, com uma lâmpada de acento.

c) Colégio São Francisco de Sales (Lisboa).

- Estabelece-se as curvas de audição com a ajuda do audiômetro Philips.

Quase todos os alunos têm sua prótese auditiva. Neste Instituto, a prótese auditiva é mais favorável do que os aparelhos coletivos, pois ele mantém apenas alunos em regime de externato.

- Marca das próteses: Siemens, Micro-Son, Widex, Philips.

d) Instituto Bencanta (Coimbra).

- O audiômetro, bem como as próteses de todas as crianças,

são de marca Philips. Com o objetivo de facilitar a locação em sala de aula, não existem aparelhos coletivos fixos. As próteses são padronizadas. Elas são reguladas pelo professor, mas o molde é mais ou menos uniforme, podendo ser utilizado por qualquer criança.

- Cada classe tem seu gravador, toca-disco e cromoscópio.

e) Instituto Araújo Porto (Porto).

Assim como o Instituto Imaculada Conceição, o Instituto Araújo Porto utiliza toda a aparelhagem da "Electro-na General Española". Como já dissemos anteriormente, estas duas Instituições são dirigidas por religiosas de origem espanhola.

f) Instituto de Funchal (Ilha da Madeira).

Enviamos um questionário à Direção desta Entida-de, mas não obtivemos resposta. Um artigo em uma revista portu-guesa informa que a aparelhagem em Funchal é de origem ho-landesa, sem esclarecer a marca da mesma.

g) Instituto de Ponta Delgada (Arquipélago dos Açores).

A única informação que pudemos obter deste Esta-belecimento, aberto em 1967, é que utiliza a aparelhagem de marca E.M.I.

B - Educação Auditiva.

A educação auditiva é praticada de maneira intensiva em todos os Institutos.

Os professores de deficientes auditivos estão de acordo em afirmar que só existe um pequeno número de surdos propriamente ditos.

Mostrando a importância da educação auditiva, um professor do Instituto J. R. Pereira, Profa. Ribeiro Costa, em um artigo* bastante interessante, expressa-se assim: "Ouvir não é uma atividade simplesmente mecânica; não é somente o ato de sentir as vibrações sonoras, mas é essencialmente um fenômeno

* Treinamento auditivo- "A criança surda", nº 1, p. 76.

de compreensão e de interpretação. A idéia fundamental em educação auditiva é de treinar o cérebro a interpretar os sons, apesar da perda auditiva da criança. O reconhecimento e a compreensão dos sons da fala são acima de tudo uma questão de habilidade. É, portanto, durante os primeiros anos que se estabelecem os hábitos sensoriais de ajustamentos. Como a criança aprende boas e más maneiras de se conduzir, ela adquire também bons e maus hábitos de ver e ouvir. Quando o ouvido da criança é deficiente, ou a criança interpreta erradamente os sons, ou aprende a utilizar os outros sentidos, como substitutos da audição. Em outros termos, no seu problema de ajustamento ao mundo, a criança se agarra aos canais sensoriais que lhe prestem o mais facilmente possível esta substituição. A vista e o tato se tornam os meios primordiais na comunicação com o meio. A criança não dá importância ao ouvido deficiente, e, como consequência, o desenvolvimento de sua linguagem é atrasado ou imperfeito. Compete a nós favorecer-lhe a audição de sons fortes e variados, assim como colocá-la em contato com as diferentes fontes sonoras, estimulando os resíduos auditivos de maneira que possa perceber e discernir os sons da fala e chegar a estabelecer comunicação oral".

À pergunta: Por que existem ainda opiniões contraditórias a respeito da educação auditiva, o professor L. Gonçalves responde: "Em parte, esta contradição ocorre pelo fato de que não se emprega a boa técnica de treinamento auditivo e também porque se quer exigir da educação auditiva mais do que ela pode oferecer".

C - Um método de educação auditiva estreitamente associado à desmutização.

O método de educação auditiva da Profa. M. A Ribeiro Costa parece-nos interessante, e merece ser apresentado.

Foi em 1955 que ela fez, no Instituto J. R. Pereira, várias experiências com diferentes grupos de crianças surdas, com o objetivo de encontrar um método de educação auditiva associado à desmutização e que seria o mais eficaz*.

* Este método se encontra exposto mais longamente na revista "A criança surda", nº 2.

Segundo a Profa. Ribeiro Costa, os exercícios de desmutização, associados à educação auditiva, devem-se fazer em grupos de 5 a 6 crianças. Mas, além destes exercícios coletivos, é importante que a criança seja também atendida individualmente em exercício de ortofonia.

- Plano desta experiência -

Esta experiência foi realizada ao longo de 60 aulas: 12 sobre sons fortes, 24 sobre atividades rítmicas (músicas e canções) e 24 sobre os sons da fala.

As crianças, divididas em 3 grupos de 6 alunos de 8 a 9 anos de idade, apresentam as seguintes características: não escolarizadas, nível mental normal, portadoras de surdez profunda. Os restos auditivos são estimulados pela aparelhagem Philips, coletiva.

As crianças, não podendo abordar diretamente os exercícios da fala sem terem antes sido treinadas a reconhecer os sons, foram iniciadas nos exercícios clássicos de educação auditiva, pela Profa. Ribeiro Costa, seguindo a progressão abaixo relatada:

1 - Conhecimento auditivo do som:

a) reconhecimento do som.

Exercícios e jogos com um tambor, um sino, uma corneta e um apito.

b) discriminação dos sons.

As crianças são convidadas a reconhecer o som de um objeto entre outros.

c) gritos de animais.

As crianças gostam de imitar o grito dos animais: é um excelente meio de levá-las a produzir a voz. É no decorrer destes exercícios que o professor apresenta as vogais às crianças. Serve-se de brinquedos representando os animais, tais como: cachorro, pato, ovelha, gato, pintinho.

Processo: Antes de tudo, o professor apresenta o grito de dois animais de voz grave: o cachorro e o pato, em leitura da fala associada à audição amplificada. As crianças imitam o professor que pronuncia "au-au", enquanto mostra o cachorro.

Em seguida, o professor pronuncia uma frase e a escreve no quadro-negro:

O cachorro faz au-au-au.

E assim por diante, com os outros animais:

O pato faz quã-quã-quã.

A ovelha faz mé-mé-mé.

O gato faz miáu-miauí-miauí.

O pintinho faz piu-piu-piu.

2 - Atividades rítmicas.

Utilizando discos que apresentam ritmos diferentes: marchas, valsas, canções, o professor marca os tempos e as crianças o imitam.

3 - Exercícios diretamente relacionados com a fala.

Estando as vogais já apresentadas durante os exercícios de imitação de gritos de animais, os exercícios seguintes permitem revê-las continuamente, já que as consoantes serão o objeto do ensino.

Neste estágio, com cada um dos três grupos de crianças, o professor emprega um método diferente:

grupo a) método dedutivo;

grupo b) método indutivo;

grupo c) método dedutivo-indutivo.

Para não nos prolongarmos demais, apresentaremos apenas um tipo de lição para cada método.

a) Método dedutivo.

p - ex.: papai

1. mostrar as gravuras evocando as palavras: papai - pipa - pá - pó.
2. mostrar a gravura correspondendo à palavra que se pronuncia.
3. escrever a palavra "papai" no quadro negro, pronunciá-la e decompô-la: p - a - p - a - i com a colaboração do grupo.
4. tentar a emissão correta do fonema "p", com cada criança.
5. jogo - Pedir às crianças para observarem as gravuras e mostrarem qual delas corresponde à palavra pronunciada.

b) Método indutivo.

1. apresentar a consoante: p.
2. formação das sílabas: pa - pai.
3. composição da palavra: papai.
4. composição de outras palavras começando por p.

c) Método dedutivo-indutivo.
consoante "p".

1. Apresentação dos seguintes objetos:
pote - pato - pó
2. Mostrar cada um destes objetos e dizer seus respectivos nomes. As crianças repetem-nos na medida em que o professor os pronuncia;
3. Escrever na lousa a palavra pato;
4. Decomposição da palavra pato; pa-to; p-a-t-o;
5. Emissão do "p" por cada criança;
6. Formação da primeira sílaba da palavra pato;
7. Formação da segunda sílaba da palavra pato;
8. Formação da palavra pato;

9. Composição e pronúncia das outras palavras que começam por p.
10. Jogo: Cada criança tem na sua frente três gravuras dos objetos apresentados acima e os três nomes respectivos, escritos sobre fichas.

O professor diz os nomes e a criança deve associar o nome escrito à gravura correspondente.

- Conclusão sobre estas experiências -

Dos três métodos experimentados pela Profa. Ribeiro Costa, é o terceiro, "dedutivo-indutivo", que lhe pareceu ser o melhor quanto aos resultados, sendo que as crianças reagem com muito entusiasmo e retinham o fonema facilmente.

A profa. Ribeiro Costa aconselha este método, pois "a palavra interessa muito mais à criança do que o fonema isolado, sendo este abstrato". A criança retém melhor um fonema quando este faz parte de uma palavra que tenha um significado para ela.

Ex.: p? pô!

As lições dadas segundo os princípios dos métodos ativos são caracterizadas por objetos, gravuras e desenhos que motivem a criança. Todavia, a profa. Ribeiro Costa não hesita em afirmar que se, para a maioria das crianças surdas normais o método dedutivo-indutivo é o mais adequado para a desmutização com a ajuda da educação auditiva, há crianças com as quais se é obrigado a recorrer ao método indutivo ou dedutivo.

D - A desmutização em Portugal.

Nos diversos Institutos encontramos professores partidários tanto do método tradicional (indutivo) como do método global (dedutivo-indutivo).

- Ensino das vogais -

Não existe uma ordem precisa para o ensino das vogais. Os professores seguem mais ou menos uma ordem que seja

a mais fácil para a criança pronunciar as vogais.

Mas quando a criança não emite nenhuma vogal espontaneamente, começa-se pela vogal "a", passa-se à vogal "u", em seguida o "ê", depois o "e" e finalmente o "i". As outras vogais: â (Ana) e "ô" são ensinadas por último, bem como as vogais nasais.

- Fase preparatória à desmutização -

A fim de encontrar a voz própria da criança, os professores utilizam jogos divertidos que façam a criança rir e levem-na a imitar às vezes o professor, que articula os sons e que a criança imita, distraíndo-se.

Vários professores a quem perguntamos: "Como você faz para encontrar a voz própria da criança?", responderam - "A gente brinca com ela".

Os exercícios de educação da respiração são muito valorizados em todos os Institutos.

O primeiro exercício feito diariamente, chegando na sala de aula, é o de ensinar as crianças a assoarem o nariz. Em seguida, todo um programa é seguido para levar a criança a respirar corretamente.

Estes exercícios são divididos em duas partes:

- a) exercícios sem o aparelho respiratório;
- b) exercícios com o aparelho respiratório.

Na primeira categoria, existem 11 séries de exercícios e na segunda são previstos 6 tipos*.

Com muita convicção, o Diretor do Instituto de Bencanta, o Prof. Lopes Gonçalves, nos disse: "Uma boa respiração é o fundamento de uma boa voz, e uma boa voz é a base para uma fala clara e inteligível... Os exercícios de respiração são essenciais na correção de todos os erros de voz".

No início do ensino de um novo fonema, o professor apresenta o palatograma e secção sagital do referido fone-

* Temos o programa dos exercícios respiratórios.

ma, que ele desenha no quadro negro e o explica às crianças que tentam dar a posição solicitada.

Em seguida, as crianças são convidadas a reproduzir a secção sagital com massa. Um caderno é ilustrado com as secções sagitais de cada fonema. Isso não impede a utilização do espelho.

Particularmente no Instituto Imaculada Conceição, os exercícios de silabação são feitos todos os dias, coletivamente, e, o que é interessante, as crianças associam a estes exercícios movimentos de braços; os movimentos podem ajudar na emissão de uma melhor voz e de uma melhor articulação.

Ex.: - braços estendidos horizontalmente: emissão da vogal "a".

- braços estendidos verticalmente: emissão da vogal "i".

- mãos nos ombros: emissão da vogal "o".

Os braços colocados de forma arredondada favorecem a posição dos lábios.

Essas crianças que se exercitam cada dia em silabação têm uma voz agradável e uma boa articulação, a nosso ver.

- Ensino das consoantes -

As consoantes só são ensinadas a partir do segundo ano de desmutização.

Durante o primeiro ano o professor só trabalha com as vogais.

Em geral, a ordem seguida no ensino das consoantes é a seguinte:

P - B; T D; F V; M - N; L.

Estes fonemas devem estar perfeitamente adquiridos durante o 2º ano de desmutização.

Para o 3º ano, estão reservados os fonemas:

S - Z; K G; Ch J; R (forte e brando); NH e LH, os grupos consonantais, hiatos e ditongos.

Como podemos verificar, o ensino do K é feito bem tarde, pois os professores são unânimes em afirmar que é um fonema difícil de ser emitido pelo surdo. Ao contrário, o "B" é apresentado bem no início, após o "P". Por que? Simplesmente para ser melhor fixado, por comparação e oposição e cujas con-fusões parecem ser pouco frequentes.

As consoantes nasais "M - N" são ensinadas bem cedo, e não apresentam, segundo nossos colegas portugueses, pe-rigo de contaminação para os fonemas orais. O prof. Lopes Gon-çalves, particularmente, pensa que não se deve esperar muito tempo para ensinar as consoantes nasais, pois o veu palatino acostuma-se a uma posição estática; é necessário que ele se mo-vimente bem cedo, para que a fala se torne facilitada e mais na-tural.

II - Leitura Labial.

A - Leitura Labial ou Leitura da Fala?

Nós já dissemos anteriormente que, em Portugal, substitui-se a expressão leitura labial por leitura da fala. O Prof. Lopes Gonçalves, já em 1961, dizia no seu Curso "Didática da leitura da fala e do treino auditivo", na Escola Normal: "Faz alguns anos que a expressão "leitura da fala" veio substituir a expressão "leitura labial", pois esta última era muito restrita e incompleta. O termo "leitura da fala" não se aplica somente aos movimentos dos lábios, mas sim aos movimentos do maxilar inferior, da garganta, da língua, dos olhos, enfim de todo o rosto. Certas atitudes do rosto são mais expressivas do que os movimentos dos lábios".

O Sr. Lopes Gonçalves define a leitura da fala como sendo "a compreensão do conjunto das observações dos movimentos e das reações do interlocutor que, ligados às faculdades psíquicas do deficiente auditivo, levam-no a compreender a fala".

A definição de Thollon não é menos completa e presta-se mesmo inteiramente à substituição da expressão leitura sobre os lábios ou leitura labial, pela expressão leitura da fala. Com efeito, Thollon define assim a leitura da fala: "É um modo de percepção tendo por objeto a evocação mental das palavras articuladas e das idéias que elas expressam pela vista dos órgãos exteriores da fala".

B - Importância da Leitura da Fala.

Em Portugal, a Leitura da Fala é considerada como a pedra fundamental de toda a educação dos deficientes auditivos.

Desde o primeiro ano de escolaridade, existem lições sistematizadas da leitura da fala. Posteriormente, exporemos em detalhe o programa da leitura da fala durante os três anos do Curso Preparatório.

Isso não quer dizer que, fora deste programa, a leitura da fala seja abandonada. Mas esse programa existe para melhor fixar as palavras mais usuais de uma forma segura e progressiva e também para facilitar o papel dos professores, no início de cada ano escolar, quando assumem a responsabilidade de nova turma de alunos. Assim sendo, o professor sabe com antecipação quais são as palavras que seus alunos já sabem ler perfeitamente em leitura da fala, o que o faz ganhar tempo.

- A mímica -

Qual é o lugar ocupado pela mímica nos Institutos portugueses?

Eis o que observamos:

Particularmente no Instituto Jacob Rodrigues Pereira, verificamos que em sala de aula os alunos são usam gestos naturais, e fora da sala de aula fazem largamente uso dos signais convencionais. O Diretor desse Instituto nos disse: "A criança fala, mas o signo permanece um auxiliar da fala. Não podemos impedir que a criança faça o gesto. Se os impossibilitarmos de usá-lo ele se torna tenso demais". Estes alunos, no final

da escolaridade, são encaminhados para dois Centros destinados ao ensino profissional. Em um destes dois Centros, chamado Seção de Dona Maria Pia, observamos um fato muito curioso: entre esses adolescentes, o sinal mímico desaparece, por assim dizer, e cede lugar à datilologia. "Parece ser mais elegante, nos pareceu!". Vimos serem confeccionados com muita arte os cadernos pessoais de datilologia.

No Instituto Imaculada Conceição e no Instituto Araújo Porto, não vimos os alunos se expressarem através de sinais mímicos. Estes são proibidos: apenas se utiliza a fala.

Madre Arminda, Diretora do Instituto Imaculada Conceição, nos disse:

"Quando os alunos chegam, permitimos que façam gestos naturais. Depois, na medida em que aprendem a falar, os gestos são eliminados".

No Instituto de Bencanta, a linguagem oral tem prioridade, mas o gesto natural é permitido, pois essas crianças são bem novinhas.

A Sra. M. A. Reis Gonçalves, professora deste Instituto, justifica a proibição do sinal convencional: "Precisamos integrar o surdo na sociedade; portanto, o sinal convencional não lhe será útil. Conhecendo o sinal mímico, a criança não sente necessidade de falar e de se exercitar na leitura da fala".

Com o objetivo de que a mímica não se infiltre nesse Instituto, recentemente fundado, não são recebidos os alunos provenientes de outros Institutos.

No Colégio São Francisco de Sales, graças ao regime de externato, quase não se usa a mímica. As crianças fazem facilmente a leitura da fala.

C - Uma observação válida para todos os Institutos.

Não vimos, em nenhum Instituto, algum professor que se utilizasse da mímica ou que fizesse datilologia durante a explicação das lições. As crianças acompanhavam as aulas gra

ças à leitura da fala, gestos naturais do professor e ao material pedagógico. Não nos recordamos de termos visto, mesmo fora da sala de aula, algum professor fazendo sinais mímicos e não acreditamos que os mesmos conheçam a datilologia.

III - Língua.

A - Programa do período da educação sensorial.

B - Programa para o Curso Primário.

Achamos oportuno apresentar, em detalhes, o programa seguido durante o período da desmutização, a fim de determinar quais são os exercícios aos quais o ensino dá maior importância.

A - Programa para o período de educação sensorial.

1º ano

- Conhecimento da criança e do grau de sua surdez;
- Educação da respiração: respiração pulmonar normal; inspiração e expiração corretas, inspiração nasal suficiente;
- Educação da visão: jogos educativos, imitação de desenhos simples; imitação de movimentos e de diferentes atitudes do corpo; reconhecimento das cores; imitação dos movimentos visíveis dos órgãos da articulação e das expressões faciais; leitura da fala em relação com as atividades educativas do 1º ano.
- Educação do tato. Reconhecer apenas pelo tato os objetos diferenciados quanto à forma, matéria, tamanho e peso; os diferentes movimentos do maxilar inferior e dos lábios; as diferenças de vibrações da voz e da fala no peito, na garganta, nas narinas, nas faces e na cabeça, assim como as variedades de sopro de acordo com a temperatura, a direção e a intensidade, e os sons dos diversos instrumentos, segundo a altura, a intensidade e a duração.
- Educação do ouvido. Reconhecer os ruídos, as características táteis dos sons, os sons dos diversos instrumentos e dos di-

versos movimentos musicais, a voz falada. Não negligenciar a adaptação aos aparelhos amplificadores.

- Educação dos órgãos bucais - (língua e lábios). Exercícios com o objetivo de lhes dar resistência, rapidez e maleabilidade. No maxilar inferior: exercícios tendo por objetivo dar-lhe uma abertura suficiente e rapidez de movimento. Os exercícios do véu palatino estão incluídos nos exercícios de respiração.
- Educação rítmica. Exercícios próprios de adaptação rítmica às crianças deficientes auditivas. Em geral esta educação é dada por um professor especializado, fora da sala de aula.
- Emissão e educação da voz. Exercícios respiratórios levando ao balbucio pela sensação tátil das vibrações e pelo treinamento auditivo; exercícios de intensidade, de tonalidade, de duração e de colocação da voz.
- Ensino das vogais orais e nasais.
- Desenho livre.
- Trabalhos manuais.
- Cálculo - Reconhecer quantidades até 10.
- Centros de interesse para as lições sistemáticas de leitura da fala:

Em classe: o lápis, a borracha, o caderno, a mesa, a cadeira, a janela, a porta.

O corpo humano: a cabeça, os olhos, o nariz, a boca, as mãos, os pés, os dedos.

Os alimentos: o pão, a água, o ovo, o bombom, a banana, a laranja, a uva.

A família: o pai, a mãe, a criança, o irmão, a irmã.

Os animais: o cachorro, o gato, o cavalo, o pato, o pintinho.

Simultaneamente, fazer executar ordens expressas pelos seguintes verbos: dar, lavar-se, sentar-se, abrir, fechar, pegar.

2º ano

- Correção e aperfeiçoamento da respiração.
- Treinamento da visão - a percepção dos movimentos da fala, por meio da leitura da fala;
- Centros de interesse para as lições sistemáticas da leitura da fala.

Revisão e ampliação dos centros de interesse estudados durante o 1º ano e apresentação de um novo tema: os meios de transporte.

Na sala de aula: o quadro negro, o giz, o apagador, o armário, o apontador.

O corpo humano: os cabelos, as orelhas, os dentes, a língua, o peito, as costas, a barriga, os braços, as pernas.

Os alimentos: o leite, o café, a manteiga, o açúcar, o vinho, o peixe, a carne, a batata, o feijão, o arroz, a sopa.

A família: o avô, a avó, o primo, a prima, o tio, a tia.

Os animais: o boi, a vaca, o coelho, o galo, a galinha, o burro, o porco, o rato.

Os meios de transporte: o carro, o trem, o barco, o avião.

Simultaneamente: executar ordens empregando os seguintes verbos: comer, beber, ver, ouvir, falar, lavar, trabalhar, andar.

3º ano

- Revisão dos exercícios dos anos anteriores, com o objetivo de aperfeiçoar e de fixar uma boa respiração, de educar e de melhor exercitar os sentidos da visão e do tato.
- Treinamento auditivo: Além dos exercícios já citados, audição de partituras de música de ritmos diferentes e de conversação bem ritmada e expressiva.
- Educação rítmica: Exercícios apropriados dados pelo professor especializado, fora da sala de aula.
- Voz: Exercícios com o objetivo de manter uma voz normal e de aperfeiçoar a emissão das vogais.
- Articulação: Silabação, revisão dos fonemas aprendidos durante o 2º ano.
- Ensino das consoantes: S, Z, K, G, J, R, LH, NH, e das consoantes duplas.
- Articulação das palavras e frases correspondentes aos fonemas acima mencionados.
- Vocabulário: Fraseologia apropriada ao desenvolvimento lingüístico e ao meio em que vive a criança.
- Desenho livre e de ilustração.
- Trabalhos manuais.

- Cálculo: reconhecer os números até 99.

Treinamento da leitura da fala e da pronúncia até o número 99. Adições e subtrações; sentido da multiplicação e da divisão.

- Treinamento da escrita.

- Centros de interesse das lições sistemáticas de leitura da fa la:

Revisão do programa dos anos anteriores, sua ampliação e introdução de novos temas.

Os alimentos: o queijo, o doce, a lingüiça, a azeitona, o vinagre, o sal, o óleo, a cebola, o alho, o macarrão.

Os animais: o pássaro, o peru, a ovelha, a cabra, o lobo, a raposa, a girafa, o macaco, o leão, o elefante.

Os meios de transporte: o ônibus, a moto, a bicicleta, a charre te.

O vestuário: o chapéu, o agasalho, a calça, as meias, os sapatos, a saia, a blusa, o paletó, o vestido, a camisa, a luva, o lenço.

A casa: o telhado, a chaminé, a cozinha, o quarto, o banheiro.

Simultaneamente, executar ordens empregando os seguintes verbos: vestir-se, tirar a roupa, limpar-se, correr, parar, jogar, voar.

Observações (integrantes do programa).

A educação sensorial e rítmica da criança surda tem um papel primordial na aquisição de uma fala natural e ritmada. Uma educação sensorial metódica, conscienciosa, feita a seu tempo, da visão, do tato, dos resíduos auditivos, dá à criança surda o conhecimento da fala normal, tanto quanto possí-

vel.

Durante o período da educação sensorial deve-se dar particular atenção e tempo suficiente aos exercícios respiratórios (com o objetivo de obter uma respiração ampla e controlada) e aos exercícios de vocalização e de maleabilidade dos órgãos bucais, a fim de obter uma voz clara e fisiologicamente normal.

Uma grande atenção é dada aos exercícios de leitura da fala.

A respiração: uma boa respiração é o fundamento de uma boa voz.

Exercícios: a) séries de exercícios respiratórios simples: inspiração e expiração;

b) séries de exercícios respiratórios acompanhados de movimentos de braços;

c) exercícios com aparelhos respiratórios;

d) outros exercícios: encher bexigas, assobiar, tocar flauta, trombeta, fazer bolhas de sabão, imitar a locomotiva e o canto do galo, respirar o perfume de uma flor.

e) exercícios com o espirômetro.

A voz: a voz é o fundamento de uma fala clara e inteligível. Durante o período da colocação da voz, deve-se tomar muito cuidado a fim de se obter uma voz clara, sonora, bem timbrada. Desde o início, é preciso evitar toda perturbação provinda de uma posição imperfeita dos órgãos fonadores ou de um excesso de vocalização. Deve-se ter todo o cuidado possível durante a impostação da voz.

A educação da vista, do tato, dos resíduos auditivos, dos órgãos da fala, da respiração e da voz, estando mais ou menos terminada, começa-se o ensino sistemático da língua, da leitura e do programa dos quatro anos primários.

Os passeios pedagógicos, organizados com o objetivo de adquirir e de enriquecer o vocabulário do deficiente auditivo, fazem parte integrante e importante do programa.

Este programa que acabamos de relatar (em parte) foi composto por um grupo de professores especializados.

Horário de uma classe de 1º ano de educação sensorial. Instituto Jacob Rodrigues Pereira. 1965-1966.

Hs.	2a.-feira	3a.-feira	4a.-feira	5a.-feira	6a.-feira
8	Exercícios Individuais da Fala	Exercícios Individuais da Fala	Exercícios Individuais da Fala	Exercícios Individuais da Fala	Exercícios Individuais da Fala
9	Educação auditiva (leitura da fala)	Educação auditiva (leitura da fala)	Educação auditiva (leitura da fala)	Educação auditiva (leitura da fala)	Educação auditiva (leitura da fala)
10	Exercícios sensoriais	Iniciação ao cálculo	Exercícios sensoriais	Iniciação ao cálculo	Exercícios sensoriais
11	Desenho livre -Fala-	Desenho livre -Fala-	Desenho livre -Fala-	Desenho livre -Fala-	Desenho livre -Fala-

Notas: - Não há aula aos sábados;

- Entre cada período de 50 minutos há 10 minutos de relaxamento, no pátio;

- Observamos que a escrita não é ensinada e que o cálculo também só ocupa um pequeno lugar. Esta observação é válida para os três anos de Educação Sensorial.

A Profa. Peixeiro Simões* nos diz: "Durante os três anos de educação sensorial, damos um lugar preponderante à Fala. É necessário que eles falem... Deixamos de lado a escrita e o cálculo propriamente ditos".

B - Programa para o Curso Primário.

Este programa é o mesmo utilizado no ensino pri-

* Professora do Instituto Jacob Rodrigues Pereira.

mário dos ouvintes.

Neste segundo período, que é o do ensino da Língua propriamente dito e das outras disciplinas escolares, não existe nenhum programa especial para os deficientes auditivos, com exceção da Língua para as duas primeiras séries, isto é, um programa de vocabulário e de gramática.

Apresentamos aqui um horário que dá uma pequena idéia do funcionamento de uma classe deste ciclo.

Horário de uma classe de primeiro ano primário. Instituto Jacob Rodrigues Pereira. 1965-1966.

Hs.	2a.-feira	3a.-feira	4a.-feira	5a.-feira	6a.-feira
8	Desenho livre	Educação sensorial e rítmica	Desenho -Fala-	Educação sensorial e rítmica	Desenho -Fala-
9	Educação auditiva Linguagem	Leitura Cópia	Educação auditiva Linguagem	Leitura Cópia	Educação auditiva Linguagem
10	Leitura da Fala Ditado	Cálculo	Leitura da Fala Ditado	Cálculo	Leitura da Fala Ditado
11	Português	Leitura da Fala	Português	Leitura da Fala	Português

Esclarecemos também que não existem, em Portugal, livros para os deficientes auditivos e muitos professores las timam tal fato.

Muitos deles disseram: "Os livros portugueses (para ouvintes) apresentam, bem cedo, termos abstratos". Ora, os surdos têm necessidade de uma aprendizagem progressiva. Por exemplo, nas leituras e ditados, as crianças aprendem, muitas vezes, as palavras de cor, cujo significado ignoram e que não estão ainda em condição de apreender.

Há pouco tempo, recebemos uma carta de um professor que nos dizia, justamente, que uma comissão de professores

estava estudando o problema: seriam necessários livros especiais para os deficientes auditivos ou deve-se continuar a utilizar os livros oficiais do ensino primário?

O Prof. Amaral não é favorável à utilização de livros especiais para os deficientes auditivos. Ele nos disse: "Em todos os Institutos, o emprego dos livros utilizados nas escolas de ouvintes é obrigatório. Nosso século é um século de integração sob todos os pontos de vista. Se quisermos realmente integrar o surdo no mundo dos ouvintes, ofereçamos-lhe os mesmos meios de instrução".

No final da escolaridade, os deficientes auditivos são submetidos aos mesmos exames que os ouvintes e diante do mesmo júri. No exame escrito, o ditado fica a cargo de um professor de deficientes auditivos, que faz parte do júri durante os exames orais. Existem dois graus na obtenção do certificado de estudos primários. A maioria dos alunos chega a concluir o primeiro, sendo o segundo reservado aos mais dotados.

Assim sendo, após o período de desmutização e de readaptação, vem o período que, por seu plano de estudo, seus métodos, manuais utilizados, exames preparados, aproxima-se, tanto quanto possível, do ensino dispensado às crianças ouvintes. Este esforço testemunha, tanto na concepção como na realização, uma vontade generosa de reabilitar os deficientes auditivos e de integrá-los na comunidade.

CAPITULO IV

TRÊS ASPECTOS ORIGINAIS DA PEDAGOGIA APLICADA AOS DEFICIENTES AUDITIVOS

- I - A Escola Maternal Piloto de Bencanta.
- II - A Educação Rítmica.
- III - A Importância Particular do Curso de Desenho.

I - Uma Escola Maternal Piloto.

O Instituto de Bencanta está situado na Quinta de São José, em Bencanta. É uma vasta propriedade a 4 Km. da cidade de Coimbra.

Em um local pitoresco, o professor Bissaya Barreto* construiu uma escola maternal modelo para os deficientes auditivos do centro do país.

A educação da criança surda ocorre nas melhores condições. Apenas são matriculadas as crianças na faixa etária de 3 a 7 anos**.

Todas as instalações e modalidades de funcionamento foram concebidas com o objetivo de acolher crianças dessa idade.

Este estabelecimento modelo compõe-se de cinco pavilhões:

- O primeiro, vasto e simples, abriga os apartamentos do pessoal docente, assim como a secretaria, a lavanderia, a cozinha, o refeitório dos docentes.
- Dois outros são reservados ao internato: quartos, banheiros, salas de jogos, refeitórios.
- Os dois últimos abrigam doze classes. Elas são interligadas por uma construção de aparência harmoniosa, onde encontramos o hall de entrada, o auditório, o escritório do diretor, a biblioteca.

Em seguida aparecem os laboratórios de observação:

- Laboratório de Psicologia;

* O professor Bissaya Barreto nasceu em 1888, e reside em Coimbra. Muito conhecido em Portugal, como médico, filósofo e matemático, é também sociólogo, educador e artista. É patrono de múltiplas obras de proteção à Infância e nos últimos anos, consagrou-se com energia a uma tarefa particular: a criação de um Instituto para crianças deficientes auditivas.

** Em seguida as crianças são encaminhadas para um novo prédio, construído na mesma propriedade, podendo receber 50 alunos, ou para qualquer outro Instituto do país.

- Laboratório de Otologia;
- Laboratório de Audiometria;
- Laboratório de Fonética.

e por último:

- Duas grandes salas de trabalhos manuais;
- Uma sala de desenho;
- Uma sala para ginástica médica;
- Uma sala para educação sensorial;
- Uma sala para educação rítmica e para educação física.

Tivemos oportunidade de percorrer toda esta bela construção, onde o gosto artístico de um Bissaya Barreto tudo inspirou: "Luz, cor, fantasia... nada cinzento, obscuro..."*.

Os dormitórios, muito claros, com oito leitos, têm cada um sua característica, e suas cores variam: há o dormitório azul, o dormitório vermelho,... As pequenas camas (pois tudo no Instituto é adaptado ao tamanho das crianças), as colchas, as cortinas, os abajures, tudo é verde, vermelho, rosa, de acordo com a cor do dormitório. Em frente aos dormitórios, os lavatórios minúsculos, com seus espelhozinhos e todo o material de toalete de cada criança, de cores variadas para cada um...

Nesses ambientes, os quadros de pintura são em cores vivas e representam os temas mais variados, os mais apreciados pelas crianças: flores, pássaros, peixes, borboletas... Nos ângulos das escadinhas, encontram-se lindas lanternas e buquês de flores. Chega-se assim às imensas salas de jogos. As crianças encontram, aí, temperatura amena nos dias de grande calor ou refúgio quando a chuva os impede de correr pelo jardim.

O exterior das paredes é igualmente decorado por grandes quadros e mosaicos coloridos. Estes conjuntos formam desenhos os mais variados, relacionados com o folclore do país.

Por todo lado, cores, ornamentação, bom gosto, ordem, arte, beleza.

* Pierre Goemaere - Les grands contemporains: Bissaya Barreto, 1942, p. 82.

Poderia ser questionado: As crianças são sensíveis a uma tal profusão? Não seria fazer da vida deles um romance?... Por que um paraíso para essas crianças? Por que jardins, essa sinfonia de luz, ar, cores?...

Esta concepção não seria, entretanto, a melhor educação estética que se possa dar às crianças deficientes auditivas, permitindo-lhes viver num ambiente onde tudo está dirigido para o belo? É, em todo caso, a opinião que vigorosamente defenderam Toraille, Villars e Ehrhard em seu manual de Psico-pedagogia prática: "A educação estética da criança apresenta problemas comparáveis aos da sua educação moral. Neste caso, também, não se trata de ensinar. Trata-se de contribuir no desenvolvimento e desabrochamento de uma personalidade. Isso favorece uma ação educativa que se exerce sobre toda a pessoa... Ela tende a desenvolver a sensibilidade e a imaginação da criança, tanto quanto sua inteligência. No domínio mais familiar do trabalho cotidiano e dos objetos que formam a decoração de sua vida, deve-se esforçar para tornar as crianças sensíveis às noções de ordem e de harmonia que estão na origem do que chamamos de bom gosto, fazê-las sentir a importância das proporções dos objetos, as relações entre as nuances e as tintas e as fontes que oferecem mesmo as discretas dissonâncias. E, para além de todas as regras, fazer com que brote dos lábios das crianças a mais bela homenagem: Que lindo! Nosso esforço terá, portanto, atingido o seu objetivo se a criança se tornar sensível a esta beleza, presente por todo lado nas obras do homem e da natureza".

Uma centena de crianças se beneficiam felizmente desta realização exemplar. É maravilhoso ver estas crianças viverem em pleno campo, respirando o ar puro, tendo diante de si espaço para correr, árvores para subir, terra para plantar e cultivar, desabrochando num ambiente natural e aberto e que toda escola bem adaptada a seus objetivos deveria oferecer.

Os animais divertem a criançada e se tornam seus amigos. Coelhos e pássaros, ovelhas, cães e gatos esperam a chegada das crianças, que passam longos momentos em companhia destes seres vivos, tão encantadores e tão próximos deles.

Felizes das escolas que dispõem de um jardim com plantas e árvores frutíferas! Se uma grande parte puder ser consagrada à jardinagem, perfeito! As crianças observam melhor suas plantações do que as que não lhe pertencem. Desde o dia em que semearam, até aquele da colheita, verão a evolução da vida de uma planta e perceberão quais as necessidades que tem a planta, de ar, luz e água. Eles amarão estas plantas, estas flores que terão cuidado e que terão visto crescer e se desenvolver. As plantas ensinarão as lições de paciência, de doçura, de delicadeza. A cultura suscitará na criança um constante interesse. Para as crianças, quantas lições!... respeito para com os animais, respeito pela vida, perseverança na ação cotidiana... E quantas sessões de observação tão espontaneamente propostas!

Como se pôde observar, a disciplina é bem descontraída; os alunos são vigiados discretamente por seus educadores, pois dispõem de espaço, de verde, enfim de toda a beleza da natureza, para correr, pular e despender energia.

O tempo feliz passado neste panorama torna as crianças aptas a dar toda a atenção ao trabalho de sala de aula.

É justamente porque o ensino especial dado aos deficientes auditivos é árduo e cansativo, que o surdo deve poder viver fora da sala de aula, em um ambiente sadio, relaxante e apaziguante. Em nosso ensino especial, solicitamos que nossos alunos dispensem um esforço considerável. Encontramos, em uma revista publicada em Nantes, uma observação pertinente: "Em comparação à criança ouvinte, nosso aluno surdo encontra-se prejudicado fisiológica e intelectualmente. No momento em que entra em classe, começa para ele um período que pede esforço físico e intelectual intenso. Ora, para fornecer espontaneamente este esforço, é necessário uma atenção particularmente grande, que ele não tem naturalmente. A criança surda, com efeito, vê tudo, mas não aprofunda nada. Sua atenção é o resultado de sua insatisfação, de seu egocentrismo, de sua memória caprichosa, de sua vontade fraca, da imprecisão de suas percepções, para tudo dizer, de sua ignorância. É o suficiente dizer que no início principalmente a educação da atenção é coisa difícil, delicada, intermi-

tente e todavia de uma importância capital. A criança se beneficiará dos exercícios somente se ela pode e quer dar-lhes atenção".

Mais uma razão para fixar a atenção sobre uma base de desabrochamento e de alegria de viver, em um clima apropriado. Isto é válido tanto para o surdo quanto para o adulto que tem necessidade de relaxamento e que o encontra, na maioria das vezes, no campo. Exemplo disso encontramos no êxodo dos citadinos nos fins de semana. A natureza se torna fonte de equilíbrio. O Instituto de Bencanta oferece, portanto, este quadro ideal para favorecer o trabalho escolar.

É uma injúria feita à criança privá-la de contatos com a natureza e de condicioná-la por horas de classe em locais morosos e em recreações em pátios cimentados... Concordamos com o ponto de vista de M. M. Leif e Rustin, quando escrevem: "Centralizar a pedagogia sobre a criança e orientar-se por ela, não significa somente seguir seus interesses, aproveitar de suas atividades espontâneas, levar em conta a expressão momentânea de seu espírito, é também considerar que ela pertence a um meio, e que é neste meio somente que ela está à vontade e viva. Instruí-la, é sem dúvida alargar seu horizonte, fazê-la sair mentalmente deste meio que ela conhece diretamente e no qual se situam suas experiências. Mas é das experiências que se deve partir; é delas que se faz necessário despertar sua curiosidade, é delas que é preciso fazer surgir suas primeiras idéias. O adaptar-se à criança é trabalhar com ela antes de tudo no meio ambiente. Daí, é que religamos a preocupação da observação constante das coisas e o cuidado de adquirir conhecimentos verdadeiros para a vida e na vida*".

Numerosas decorações ajudam a criança, não somente a observar, mas falam à sua imaginação e a ajudam a se desenvolver. Encontramos, assim, entre os diversos pavilhões, grandes gatos, sapos, peixes em cimento, que divertem as crianças que montam sobre eles, favorecendo assim a criação de histórias fantásticas, quando conversam com esses animais misteriosos.

Um pouco mais longe, um bonde elétrico, de tama-

* J. Leif. G. Rustin - Pédagogie Générale-Paris-Delagrave, 1965. p. 307.

nho normal, de cores vivas, fica lotado por esse pequeno mundo de crianças, que seriamente tomam o lugar do motorista, do cobrador e dos passageiros...

Em um grande lago, as crianças observam os peixes e se espelham na água cristalina. E que festa quando a fonte luminosa funciona!

Mas é gostoso também subir a escadinha e brincar sob o grande guarda-sol de cores lindas.

O que alegra ainda a criançada é o tanque de areia que lembra a magnífica página de Kerschesteiner, opondo a riqueza e o ardor da atividade espontânea da criança à pobreza e à monotonia que caracterizam muitas vezes o trabalho escolar: "E eis que a escola abre suas portas. Terminou toda a ocupação; desapareceu toda a realidade da casa, da cozinha, do estábulo, do jardim, do campo. Acabou o cavocar, o construir, o fabricar; toda a atividade da criança sumiu. Um mundo novo, desconhecido, com cem enigmas, com exigências e fins incompreensíveis apresentou-se para ela. No lugar do monte de areia, da caixa de construção, da tesoura, do martelo, ... o quadro negro, o lápis, a lousa, a cartilha, a régua..."*.

Ora, o que observamos em Bencanta é um exemplo típico de equilíbrio entre o imperativo da escola e a importância e a riqueza da atividade espontânea da criança. O clima é de calma, estabilidade, alegria de viver. Isso ocorre também em quase todos os Institutos de Portugal. Notamos, outrossim, que nos Estabelecimentos onde os pátios de recreação são substituídos por jardins e campos, as crianças são calmas, donas de si, bem dispostas.

"Para favorecer na criança a conquista do corpo pelo espírito, o adulto não precisa fazer grande coisa: é só lhe dar um pouco de espaço, deixá-la se movimentar e lhe fornecer materiais de experiência. Mas o que lhe deve dar antes de tudo, é a calma"***

* J. Leif - G. Rustin - Pédagogie Générale - Paris - Delagrave 1965, p. 305.

** Hélène Lubienka de Lenval - L'Education de l'homme conscient. Paris Spes - 1948. p. 26.

Acreditamos, também, que esta disposição de espírito e mesmo este gosto pelas aulas, que demonstram ter os alunos deficientes auditivos em Portugal, ocorre igualmente pelo fato de que só têm aulas propriamente ditas durante a metade do dia. As crianças reservam toda a outra metade do dia para assimilar, "no tempo e no espaço", as noções ensinadas. É uma bem útil higiene mental. Isso não quer dizer que as crianças ficam sem fazer nada durante a outra metade do dia.

Como dissemos anteriormente, esta segunda parte do dia é reservada ao curso de desenho, à ginástica, às terapias de ritmo, à instrução religiosa; e principalmente para os adolescentes, as oficinas os esperam.

Este sistema é muito apreciado em Portugal. Os professores pensam que desta maneira as crianças se tornam mais dispostas para retomarem o trabalho escolar eficazmente. Não basta ensinar, dizem eles, é necessário em primeiro lugar que aquilo que se transmite às crianças seja feito no momento mais favorável. É importante que a criança esteja "num certo estado de alma". Se todas as suas necessidades não forem satisfeitas, ela fica agitada, incomodada interior e exteriormente. Excitada, sempre contrariada, torna-se uma criança desequilibrada. O que se procura, ao contrário, nos Institutos de Portugal, é não somente que a criança seja instruída, mas principalmente equilibrada, desabrochada, feliz.

Muitos Institutos, como já afirmamos, não dão recreio propriamente dito durante o período de aula. Este é dividido em quatro tempos de 50 minutos. Entre uma disciplina e outra, as crianças saem da sala de aula, durante 10 minutos, para relaxar. Muitos professores nos asseguraram que este sistema faz ganhar tempo; a criança trabalha mais e melhor quando está descansada.

Assim, em um quadro ideal, segundo uma concepção racional, segue a obra da qual o generoso pensador Bissaya Barreto foi o executor e na qual entrevia o sucesso, quando pronunciava estas ardentes palavras de fé e de esperança: "As crianças crescerão ao ar puro, em meio às árvores e pássaros, rece-

bendo ao mesmo tempo as primeiras luzes de uma educação escolar; e só serão devolvidas à sociedade quando tiverem se tornado seres robustos e sãos".

II - Um Método de Educação Rítmica.

Após apresentarmos a situação da escola maternal em Portugal, abordemos agora o problema da educação rítmica da criança surda pelo sentido tátil.

Foi principalmente junto à Profa. Castelão Vaz, professora de surdos, especializada em educação rítmica, que nos informamos a esse respeito. Com mais de doze anos de experiência nesta área, a Profa. Castelão Vaz continua dando aulas de ritmo aos alunos do Instituto J. R. Pereira. É seu método que apresentaremos; todavia, no decorrer desta exposição, assinalaremos algumas particularidades sobre esta educação, praticada em outros Institutos do País.

Em uma revista portuguesa, "A criança surda" (1955), a Profa. Vaz dirigia-se aos pais das crianças deficientes auditivas, a fim de ajudá-las a apreciar, valorizar e praticar a educação rítmica junto à criança deficiente. São suas idéias que resumiremos inicialmente, antes de nos prolongarmos sobre o método de treinamento rítmico, tal qual é aconselhado e praticado, na escola, pela Profa. Castelão Vaz.

As primeiras noções de ritmo devem ser adquiridas no ambiente familiar.

Cabe aos pais, através de brincadeiras, desenvolver na criança surda o sentido de equilíbrio, de lhe ensinar a andar adequadamente, sem ruído, sem arrastar os pés, de aumentar a eficácia de seu controle motor. Os movimentos desordenados da criança surda acabam, graças aos exercícios de ritmo, por serem executados corretamente, e atingem pouco a pouco um equilíbrio físico.

Pode-se fazer as crianças adquirirem o sentido do ritmo, com a ajuda de instrumentos de música como o piano, e também com a ajuda de aparelhos como o toca-discos, os receptores de rádio e de televisão.

Quando a criança produzir a voz, é necessário exercitá-la a produzir sons rítmicos: de início, não se preocupar com a perfeição da emissão vocal propriamente dita. O essencial não é a nitidez dos sons emitidos, mas a precisão de ritmo. A aplicação do ritmo à fala propriamente dita ocorrerá mais tarde.

Os movimentos rítmicos agradam muito à criança, por exemplo: balançar-se, imitar os movimentos do sino (flexão do tronco à direita e à esquerda), tentando dizer: *dim, dom...*, bater palmas marcando o compasso de uma canção, fazendo emitir não importa que vogal ou sílaba produzida. Estes exercícios têm por finalidade a obtenção de uma fala cadenciada. A fala linear constitui a principal diferença entre o ouvinte e o surdo. Desta constatação conclui-se que uma profunda impregnação de ritmo é indispensável, do ponto de vista da desmutização, e que, de uma maneira geral, o equilíbrio a ser obtido na coordenação motora da criança será o ponto de partida de sua educação e a base de sua aprendizagem: desenvolver e cultivar seu senso de ritmo é contribuir na edificação de seu "eu".

Treinamento rítmico na Escola.

Vejamos agora, na prática, como se faz a educação do ritmo na criança surda, nos Institutos de Portugal.

Os exercícios têm como objetivo principal o conhecimento do ritmo e de outras qualidades que, em conjunto com ele, são as características essenciais da fala. Vários Institutos portugueses fizeram construir uma sala especial dotada de material apropriado. Esta sala tem o assoalho em forma de uma caixa de ressonância, isto é, meio metro distante do piso de cimento, permitindo que a criança possa sentir bem todas as vibrações, através do corpo e dos pés.

Esta sala dispõe, ainda, de uma sinalização luminosa constituída por 4 lâmpadas de cores diferentes sobre cada parede. Este meio convencional facilita os movimentos rítmicos sem a intervenção direta do professor.

A sala de ritmo é munida também de um órgão ele
trônico, de um quadro negro pautado e de material acústico: tam
bores, triângulos, castanholas, apitos, címbalos, tubos sonoros.
Este material existe atualmente no Instituto Jacob Rodrigues Pe
reira, em Lisboa.

No Instituto de Bencanta, em Coimbra, encontramos
ainda: alto-falantes, microfones, pianos e gravadores.

No Instituto Imaculada Conceição, um conjunto
utiliza vários instrumentos musicais:

- xilofones de tamanhos diferentes;
- escaletas;
- caixas chinesas;
- pauzinhos polidos;
- triângulos;
- matracas;
- címbalos;
- guizos;
- tambores;
- pandeiros.

A fala ritmada é mais inteligível para aquele
que ouve; ela pode ser muito bem articulada, mas, se faltar
ritmo, a articulação sozinha não permite a compreensão da lin
guagem. A criança surda pode aprender a conhecer a voz e a cur
va melódica graças ao tato. De início, ela não percebe a fala
do outro. Além disso, ela não sabe dominar as tonalidades de
sua própria voz.

O professor deverá educar a expressão rítmica da
criança por meio de certos tipos de ritmos, empregando para tan
to o pandeiro, o piano, etc. Ensinará, posteriormente, outras
formas de vibrações mais sutis, mais difíceis, como as do violi
no, do bandolim, se isto for possível.

A criança surda será treinada para distinguir as
diferenças entre uma vibração e outra, de tal maneira que não te
nha mais dificuldade em apreciar as vibrações da fala do profes
sor ou de uma outra pessoa, quando for convidado a sentir as di

versas vibrações no peito, no queixo, etc.... com o objetivo de aprender a emitir os fonemas, sílabas, palavras e frases. A criança pode sentir o ritmo pelo tato, como pode ver igualmente sobre os lábios e o rosto do outro. A associação da vista e do tato fortifica a memória da cadência rítmica.

A Profa. Castelão Vaz utiliza, sobretudo, o órgão eletrônico, com o qual faz várias séries de exercícios, cujas dificuldades progressivas visam principalmente desenvolver a percepção das vibrações sonoras, cada vez mais sutis, pelo tato, assim como a de suas características essenciais (intensidade, altura, timbre e duração).

Em seguida, é feita uma aplicação deste trabalho à aprendizagem e ao aperfeiçoamento da fala.

Enfim, paralelamente, o método compõe-se de um treinamento em atividades rítmicas mais generalizadas, tendo em vista favorecer o desabrochamento da personalidade infantil sobre um plano mais elevado.

A - Iniciação à percepção tátil do som e de suas qualidades fundamentais.

1 - Desenvolvimento da percepção tátil do som.

De início, a criança bate num tubo sonoro que vibra intensamente e no qual sente nitidamente as vibrações; em seguida, é convidada a bater livremente címbalos, triângulos e tambores, etc..., imitando os movimentos do professor; ela chega a tocar estes instrumentos em um certo ritmo. Assim, a criança, pelo tato, é impregnada de vibrações.

Esta série de exercícios permite às crianças concluir naturalmente que todas as batidas produzem sons diferentes, de acordo com o instrumento, portanto, que o som existe.

Em seguida, são levadas a sentir as vibrações emitidas pelas pessoas, sempre com o auxílio do tato.

Em uma nova etapa, a Profa. Castelão Vaz serve-se do órgão eletrônico. Em pé, as crianças apóiam não só as mãos contra as paredes do órgão, mas também o corpo e a cabeça, de ma-

neira a sentir, igualmente, vibrações, por condução óssea.

Durante este exercício, a criança deve ter os olhos fechados para melhor concentrar sua atenção no sentido tátil. Mais tarde, basta a criança colocar levemente as mãos sobre o órgão. Castelão Vaz lembra-nos que, na verdade, as sensações do tato ativo ou de exploração têm, como melhor receptor, a mão. Ela contém células táteis mais numerosas e mais aproximadas que nas outras partes do corpo.

Progressão dos primeiros exercícios feitos no órgão:

- 1º) A criança é colocada na posição indicada acima, isto é, toca o órgão pelo seu corpo todo; o professor toca a música rápida e intensa, nas oitavas inferiores. Terminada a música, a criança deve abrir os olhos. Este exercício é retomado muitas vezes, até que todas as crianças abram imediatamente os olhos no final da música.
- 2º) O primeiro exercício é retomado, e a mesma música é tocada na parte mediana do teclado.
- 3º) O exercício é retomado, sendo utilizadas as oitavas superiores.
- 4º) Seguindo o mesmo processo, o professor toca uma música lenta.
- 5º) De olhos fechados, a criança conta o número de acordes tocados nas diferentes partes do teclado:
 - a) sons graves
 - b) sons médios
 - c) sons agudos

A criança deve reproduzir a quantidade de acordes tocados sobre cada uma das partes do teclado, batendo palmas.

Por exemplo: se o professor toca três acordes, a criança bate três vezes as mãos.

Pode-se variar este exercício usando pauzinhos, tambor.

Muitas crianças chegam, após um longo treinamento, a contar a quantidade de acordes tocados, mesmo quando se afastam do órgão eletrônico; um arco é colocado no assoalho, de início a um metro de distância do órgão, depois a dois, três metros dele. As crianças, de pés descalços, percebem as vibrações do assoalho.

2 - Desenvolvimento da percepção das qualidades fundamentais do som.

1º) Percepção da Intensidade.

Na intensidade, a qualidade pela qual se distinguem sons fortes de sons fracos, o professor procede assim:

- a) Começa tocando uma música forte, depois média, fraca, tendo a mesma duração.

Várias músicas são assim tocadas, em contraste.

A criança deve conseguir perceber a diferença pelo tato e pela vista.

- b) Em seguida, de olhos fechados, a criança, unicamente pelo tato, exercita-se em distinguir uma melodia forte de uma melodia fraca.
- c) Várias melodias se seguem, por exemplo: parte forte, parte fraca, parte forte.

A criança se esforça, após ter aberto os olhos no fim de uma música, para dizer imediatamente em que ordem as partes foram tocadas.

2º) Percepção de ressonância.

A ressonância é a propriedade que permite aumentar a duração ou intensidade do som.

Os exercícios são feitos da seguinte forma:

- a) O professor toca uma parte da música, segurando os acordes e usando o pedal. Em seguida, toca a mesma parte em stacato. As crianças sentem as vibrações e vêem o professor tocar.

- b) Os olhos fechados, com a ajuda do tato percebem o ritmo da execução de uma música, depois, cada um separadamente, o reproduz, batendo as mãos.
- c) O professor deve alternar as melodias longas e curtas, as quais a criança deve reproduzir com uma das mãos enquanto percebe com a outra.

3º) Percepção da Altura.

Na altura, a qualidade pela qual se distinguem os sons graves dos sons agudos, o professor procede da seguinte maneira:

- a) Ele toca uma parte da música nos graves, permitindo à criança sentir as vibrações e vê-lo tocar. Em seguida, de olhos fechados, a criança sente, pelo tato, o mesmo trecho da música, sempre nos graves.
- b) O mesmo exercício é feito, em seguida, nos agudos.
- c) O mestre faz distinguir, só pelo tato, os sons graves dos sons agudos.
- d) Ele apresenta múltiplas combinações de sons graves e agudos.

A distinção deve ser feita pela criança.

Depois vem o treinamento para distinguir os sons graves, médios e agudos.

- e) Trabalha-se com a combinação destas três espécies de sons.

4º) Percepção do timbre.

Define-se o timbre como sendo a qualidade pela qual se distinguem os sons de mesma intensidade e de mesma altura, fornecidos por diferentes instrumentos.

Utilizando sempre o órgão, o professor, pela variação dos registros, emite o som de violoncelo, clarineta, flauta, trêmulo, etc. As crianças, colocadas nas posições já indicadas, diferenciam pouco a pouco o timbre de cada registro.

5º) Percepção da duração.

Estuda-se, sucessivamente, músicas em compassos binários, ternários e quaternários.

- a) O reabilitando, de olhos fechados, tem o corpo junto ao órgão e as mãos em cima dele. O reabilitador toca uma música de 2 tempos, acentuando o 1º. Assim: um, dois; um, dois. O reabilitando deve sentir a regularidade do acento.
- b) O reabilitador toca uma canção de compasso binário, acentuando o 1º tempo. O reabilitando sente o ritmo pelo tato; em seguida, deve bater o compasso com a mão ou com uma baqueta e contar em voz alta: um, dois; um, dois; acentuando sempre o 1º tempo.

Quando o compasso de dois tempos tiver sido bem assimilado pelo reabilitando, pode-se passar, seguindo os mesmos processos, à medida de 4 tempos: um, dois, três, quatro; um, dois, três, quatro, enfim, ao compasso de 3 tempos; um, dois, três.

Após ter-se aplicado longamente ao estudo de cada uma das medidas, o reabilitando chega a sentir os contrastes entre eles.

Estas sessões são acompanhadas de solfejos, o que permite ensinar ao mesmo tempo o valor das notas.

3 - Exercícios de ritmo diretamente relacionados com a fala.

Os exercícios para desenvolver a percepção da intensidade, da altura e do acento, podem ser considerados como forma de treinamento sensorial anterior ao da fala.

Estas lições começam desde que a percepção dessas características seja obtida na fase preparatória.

Trata-se de exercícios suplementares, executados

no órgão e que dão conhecimento íntimo dos elementos do som da fala e facilitam o treinamento, tendo em vista uma emissão correta.

1 - Exercícios para educar a intensidade da voz.

O reabilitador toca uma melodia vibrante, forte e depois diminui pouco a pouco o volume. Este exercício é repetido até que o reabilitando perceba a diminuição da intensidade da vibração. Depois, sem nenhum acompanhamento do órgão e tendo a mão do reabilitando contra seu peito, o reabilitador respira profundamente e diz. "O - o - o - o...", começando fortemente e depois diminuindo a intensidade. Em seguida, o reabilitando imita o reabilitador.

1º) Este mesmo exercício é repetido com as outras vogais e consoantes sonoras.

2º) O reabilitador toca uma melodia, começando por vibrações fracas e depois aumentando progressivamente o volume das vibrações.

3º) A música é tocada, no princípio, fraca, depois aumentando o volume, e termina diminuindo.

Em seguida o reabilitador emite o "O" fraco, depois forte, depois fraco, (o - O - o) até que desapareça. Finalmente, este exercício é feito com cada uma das vogais.

2 - Exercícios para educar a altura da voz.

Para distinguir os sons graves dos sons agudos e para desenvolver no reabilitando um auto-controle da altura da voz, o reabilitador serve-se dos meios visuais e táteis, apoiando-se, para as correções, nas frequências audíveis. Portanto, quando os reabilitandos têm alguns resíduos auditivos, uma prótese lhes permite melhor comparar as diferentes alturas de voz.

Para o surdo profundo, só resta a imitação das vibrações percebidas no peito e na garganta do reabilitador, e que supõe uma grande experiência tátil.

3 - Acentuação.

Acentuar é, de um modo geral, destacar, pôr em relevo.

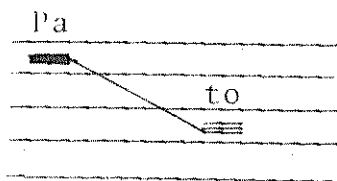
O acento é uma das características próprias de cada língua. Em grande parte, a inteligibilidade da linguagem oral depende da colocação correta do acento tônico. De acordo com a acentuação, uma frase pode permitir dois ou vários significados.

Quando a linguagem é emitida por uma pessoa ouvinte ou percebida graças à leitura da fala por um surdo, todos os detalhes de importância secundária são negligenciados; é a acentuação que permite a compreensão. Por isso, é essencial que a acentuação seja tema de treinamento na aquisição da fala.

A acentuação pode ser indicada de duas maneiras: prolongando ou aumentando a intensidade da mesma sílaba. Os exercícios a serem executados desenvolvem-se assim:

- 1º) O reabilitador toca uma melodia onde cada nota corresponde a uma sílaba de uma palavra a ensinar (palavra de uso comum), destacando a sílaba acentuada.
- 2º) Ele faz com que o reabilitando leia as sílabas escritas sobre uma ficha, dando-lhe acento normal.
- 3º) Ler a palavra inteira com acento normal.

Estes exercícios são ilustrados por outros processos, tendo o objetivo de visualizar o efeito a obter. Por exemplo: a palavra "pato" é apresentada sobre uma pauta:



A instrução continua na sala de aula. As primeiras palavras são dissílabas, com acentuação, segundo o caso, na primeira ou na segunda sílaba. Em seguida vêm as palavras trissílabas, e assim por diante.

Observemos de passagem a importância dos exercí-

cios de solfejo na aprendizagem de uma Língua como o português, onde o acento desempenha um papel primordial.

4 - Ritmo e Educação Auditiva.

O ritmo está em conexão direta com a educação auditiva.

A aparelhagem moderna torna o ritmo da fala cada vez mais acessível ao surdo. A educação do ritmo, junto ao órgão eletrônico, sobretudo, e a educação auditiva em sala de aula, se completam.

Para a criança surda, profunda ou tendo poucos resíduos auditivos, o método que acabamos de expor permanece o melhor meio de dar ritmo à fala. Para ela, sobretudo, somente a educação auditiva não basta, dificilmente adquirirá uma percepção vibratória conveniente, enquanto que, com uma boa educação rítmica, poderá reconhecer os sons através do tato, quase tão bem quanto o surdo moderado o faz graças à educação auditiva.

A Profa. Castelhão Vaz, que pratica há muito tempo esta educação rítmica, está convencida de que os alunos surdos moderados aproveitam muito mais a educação auditiva se esta for antecipada pelas lições de ritmo e se, através das vibrações táteis, fizer com que reconheçam os diferentes tipos de ritmo. Em seguida, durante a educação auditiva, antes de se iniciar o treinamento do ritmo da fala, ela preconiza ensinar às crianças a discriminação dos sons, a reconhecer o compasso de uma marcha ou de uma valsa, os contrastes entre os sons agudos e os sons graves, a apreciar e imitar os intervalos, a marcar os tempos de uma canção.

B - A atividade rítmica.

Todo ser vivo tem necessidade de movimento. É o movimento que favorece o desenvolvimento anatômico e fisiológico do corpo.

Sabemos que pela brincadeira as crianças satisfazem esta necessidade de movimento. Segundo Maria Montessori, somente uma atividade suficiente dos músculos pode manter nosso

corpo em estado normal.

É, portanto, necessário que o professor estimule o crescimento do corpo da criança, tanto quanto seu desenvolvimento mental. A atividade rítmica tem por objetivo essencial estimular a coordenação entre o espírito e os músculos; com ela se estabelece a regularidade dos movimentos.

A criança surda é frequentemente descoordenada em seus movimentos. Seu andar incerto, seu passo irregular, sua falta de equilíbrio, podem desaparecer com a educação rítmica.

O movimento sendo ordenado, a criança surda aprende a se dominar, a se controlar, a harmonizar todo seu ser. Em consequência, sua fala se torna igualmente controlada, harmônica, ritmada, fluente, em uma palavra, inteligível. Os músculos educados revelam-se executores fiéis das ordens recebidas pelos centros motores, e a fonação, que é também movimento, é bem dominada pela criança.

Pode-se perceber, por outro lado, que existe uma relação direta e estreita entre a atividade física de muitas crianças e seu caráter. Assim, aquele que tem falta de equilíbrio no andar demonstra muitas vezes um certo desequilíbrio no comportamento. Aquele que é lento nos movimentos acompanha lentamente as explicações na sala de aula.

A Profa. Castelão Vaz observou que a pronúncia das palavras corresponde à maneira de agir, o que confirma a necessidade de educar o ritmo, para que ele venha influenciar favoravelmente a fala.

Através de exercícios, a criança começa a compreender a diferença entre as formas dos movimentos rápidos e a dos movimentos lentos, adaptando automaticamente seus movimentos e ritmando-os, de maneira que os órgãos fonadores se adaptem e emitam, por sua vez, um som rápido ou lento.

A atividade rítmica provoca um crescimento natural do ritmo da fala.

No desenvolvimento da atividade rítmica, segundo o método exposto e praticado pela Profa. Castelão Vaz, os exer-

cícios programados constituem a parte fundamental da educação, pois permitem a concentração da atenção e da vontade. Nos exercícios em forma de jogos, o professor enuncia o que deseja e deixa cada aluno interpretar segundo seu ritmo pessoal, e se corrigir pouco a pouco. Os progressos são diversos, dependendo de cada aluno. É uma educação lenta e só se chega a bons resultados após longos exercícios.

1 - A ginástica rítmica.

No Instituto de Bencanta, o professor de ginástica, com um tambor, diante do microfone, enuncia os tempos do exercício ensinado, permitindo assim às crianças associar o som a seus movimentos.

À medida em que se produzem ressonâncias no tambor, o professor conta os tempos do exercício: 1 - 2 - 3 - 4.

Inicialmente, o professor demonstra o que espera dos alunos.

Observemos que, em Portugal, a sala de educação rítmica serve também de sala de esportes.

2 - A dança.

A criança deve, antes de tudo, fazer um grande número de exercícios rítmicos; os passos cadenciados são apenas complemento dos exercícios anteriores.

Os passos são ensinados em uma certa ordem e bem lentamente. Só se inicia o passo seguinte quando o precedente estiver bem executado.

A dança deve ser repetida frequentemente para que a criança fixe os passos aprendidos: a repetição é a base do ensino.

A criança gosta muito desta atividade, e esta aprendizagem lhe proporciona prazer, apesar das numerosas repetições necessárias.

A Profa. Castelão Vaz explica como ensina uma dança regional.

Ela agrupa crianças bem evoluídas na educação rítmica. De início, faz com que sintam várias vezes o ritmo da música, através das percepções táteis.

Quando o passo e o tempo estiverem aprendidos, a dança, com o acompanhamento musical, é executada, os alunos sempre de pés descalços, pois assim as vibrações são melhor percebidas, sendo transmitidas tanto pelo ar como pelo assoalho.

Mas a Profa. Castelão pratica também a dança rítmica espontânea, isto é, após ter sentido as vibrações e o ritmo de uma dança, a criança o acompanha, interpretando-o segundo seu próprio ritmo, livremente.

Há crianças que chegam, após vários anos de treinamento de ritmo, a muita agilidade e leveza, dando muita graça e precisão a seus passos e movimentos.

A Profa. Castelão relata-nos conhecer a experiência feita em Tóquio, em uma Instituição de surdos, pelo Prof. Izumi. Em seus cursos de ritmo, ele coloca sob os pés descalços das crianças um aparelho em duralumínio que tem função de vibrador.

3 - As canções.

As canções constituem uma parte interessante do treinamento rítmico.

O repertório reduz-se a canções bem simples, mas bastante variadas, para suscitar o interesse da criança.

A letra que compõe as canções é formada de palavras curtas, significativas, fáceis de serem pronunciadas e conhecidas quando as crianças vão ao piano ou ao órgão. Antes de mais nada, as crianças têm nas mãos uma ficha contendo somente o ritmo da canção, e só depois têm acesso a uma outra, contendo o ritmo e a letra.

Para aprender a canção, o professor exige um certo número de exercícios:

- O primeiro verso da canção é tocado ao órgão e as crianças sentem o ritmo pela percepção tátil.
- O professor dá o ritmo, batendo palmas e fazendo escutar o disco, dizendo tão somente "la. la, la, la, la, la..." para as sílabas do 1º verso.
- Os alunos repetem com o professor o exercício precedente, o que os ajuda bastante a captar o ritmo.
- Em seguida, o professor pronuncia as palavras do primeiro verso e os alunos repetem com ele. Em seguida, estuda-se os outros versos, encadeando-se uns aos outros, pouco a pouco.

4 - Interpretações instrumentais.

A ação de tocar, de marcar o tempo, dá à criança uma das melhores ocasiões de aprender o ritmo.

Com este objetivo, os professores empregam vários instrumentos: piano, tambor, triângulos, címbalos, campainhas, castanholas, pandeiros...

O professor começa ensinando às crianças o valor das notas musicais, assim como as figuras de pausas. Ele escreve no quadro negro a melodia que quer ensinar. Antes de ser executada com instrumentos, a frase é antes ritmada com batidas de palmas.

É somente após muitas aulas e repetições, e sobretudo graças a um ensino graduado, que uma melodia é aprendida com uma certa categoria de instrumentos.

Após ter obtido bons resultados com os solistas, o professor agrupa as crianças em um conjunto capaz de interpretar partituras simples de início e complexas posteriormente.

Esta atividade rítmica e musical interessa às crianças, pois a novidade dos instrumentos desperta-os e coloca-os em tal situação que apreciam e desejam o ensino; é um fator psicológico que os aproxima das crianças ouvintes, portanto, fator de equilíbrio, de segurança e de desabrochamento.

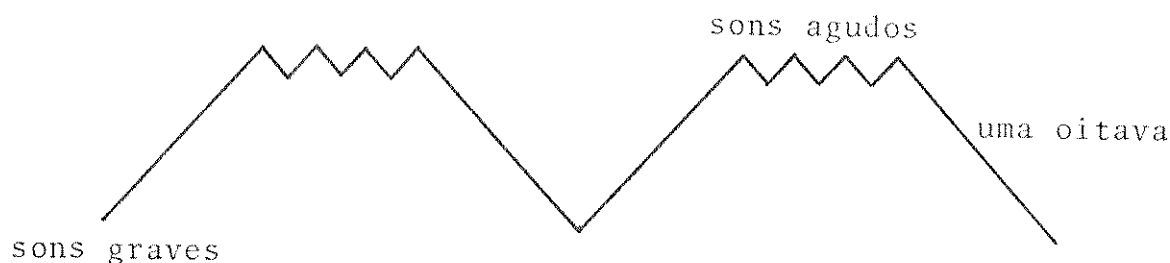
Conclusões

A educação rítmica não pode substituir o ensino da fala em sala de aula, mas é a base e o complemento deste ensino.

O constante trabalho da desmutização e da assimilação da Língua cria na criança surda uma tensão que pode atenuar-se ou mesmo desaparecer graças à educação rítmica. Consta-se mesmo que o desejo de falar é estimulado pelo treinamento rítmico. Chegada à fase em que ela puder apreciar plenamente o ritmo, a criança estará capacitada a controlar sua voz e de repetir os sons espontaneamente.

Todo o treinamento rítmico é acompanhado de motivações para provocar o interesse e facilitar a compreensão das crianças.

O professor utiliza-se de gravuras, desenhos, mímica, ou as crianças tocam elas mesmas o órgão ou o piano, ou outros instrumentos, segundo o papel de cada um. Às vezes, os alunos são convidados a traduzir através de um gráfico os crescendo ou decrescendo da melodia que acabam de perceber através das sensações experimentadas; mas este resultado só é obtido após um longo treinamento. Eis um exemplo de gráfico realizado por um aluno da Profa. Castelhão, após ter sentido as vibrações no órgão com a ajuda do tato:



Uma educação bem aprimorada é necessária para que as crianças percebam exatamente quando uma melodia se torna mais aguda ou mais grave. Só um pequeno número de crianças chega a este resultado. Mas, com a maioria, o professor se satisfaz quando chegam a distinguir nitidamente as regiões agudas, médias e graves, assim como as qualidades de intensidade, de timbre e de duração.

Em todos os exercícios, quer sejam de atividade rítmica ou de fala ritmada, o grau de resposta depende da idade, da deficiência auditiva, do nível mental, do temperamento e do treinamento anterior da criança.

A Profa. Castelhão Vaz afirma, em conclusão: "Um professor de ritmo deve ter presente no espírito as possibilidades da criança, as limitações ocasionadas pela surdez, sua capacidade pessoal, e nunca esquecer que o desenvolvimento rítmico é lento; é somente no final de vários anos de prática, que pode-se chegar a resultados convincentes".

Após termos ouvido e lido o que fazem nossos colegas em Portugal no campo da educação rítmica, concluímos que: revelar o sentido do ritmo a uma criança deficiente auditiva pareceu-nos um campo de ação do maior interesse; é alargar suas possibilidades, as mais profundas, permitir que faça seu corpo todo participar do esforço perseverante que deve fazer para sair de seu universo restrito. E isso sem violência, na harmonia, é um impulso de todo seu ser vital, de seu gosto pela vida e de seu desejo de perfeição.

Certamente, esta educação rítmica só pode ser eficaz quando se acredita nos resultados de sua prática. Ela necessita de um método minucioso, gradativo, e de uma imensa paciência. Mas pensamos que aqueles que acreditam nela verão suas esperanças realizadas e encontrarão a recompensa de seus esforços no êxito de seus alunos.

III - Importância particular do Curso de Desenho.

Em Portugal confere-se um lugar particular ao desenho: em dois Institutos, no Instituto Jacob Rodrigues Pereira em Lisboa e no Instituto Bencanta, próximo a Coimbra, pudemos constatar que ele tem uma importância tão grande quanto a educação rítmica e a educação física. No Instituto J. R. Pereira, mais especialmente, observamos no estúdio da Profa. Lourenço Silva* vários grupos de alunos em atividades.

* Professora formada na Academia de Belas Artes de Lisboa.

A - Organização do Curso de Desenho.

Na verdade, este curso denominado "Curso de Desenho" compreende também os cursos de pintura e de trabalhos manuais.

Uma sala bastante ampla, separada do prédio principal do Instituto, é destinada aos cursos de desenho. Os alunos recebem as aulas neste local, durante o tempo livre, isto é, durante a parte do dia em que não estão na classe.

Os menores recebem um mínimo de duas horas de curso por semana, e, os maiores, três horas. Os alunos do Instituto J. R. Pereira estão divididos em doze equipes.

A Profa. Lourenço Silva dá uma média de vinte e seis horas de aula por semana.

B - Importância e objetivo do Curso.

1 - Desenho livre.

Os novatos, ainda mudos, podem, fora da sala de aula, expressar-se livremente através do desenho. Para eles, o tempo passado na sala de desenho é um momento de relaxamento, de atividade lúdica, de expressão e de exteriorização dos sentimentos.

Relataremos alguns parágrafos de uma conferência da Profa. Lourenço Silva, no Instituto J. R. Pereira, onde ela explica justamente o porquê do curso de desenho, ministrado a todos os alunos deficientes auditivos:

"A criança, despertando para a vida, traz em si um mundo infinito de fantasia, nascido de suas observações, que ela não sabe expressar - pensemos acima de tudo naquela que não possui o precioso meio de expressão que é a fala - mas que deseja reproduzir, pois seu pensamento não basta para conter esta tempestade de imagens que a fascinam. Assim, ela rabisca traços incertos, não importa onde e não importa como.

Deixemos, portanto, a criança desenhar livremente, ofereçamos-lhe o material necessário, um meio propício, de forma a que possa dar a suas idéias toda a expansão, sem nenhuma inibi-

ção. Paul Lapie disse que a verdade deve entrar no espírito das crianças tanto quanto ou mesmo mais pelos músculos do que pelos olhos ou pelos ouvidos; é necessário que elas façam para que saibam. Atualmente, o desenho livre está na base de todo ensino até a idade aproximada de dez anos, pois o desenho do natural só dá bons resultados a partir desta idade.

Esta preparação natural que a criança adquire através de suas tentativas artísticas permite desenvolver seu espírito de observação, seu sentido cromático, sua sensibilidade artística, seu espírito criativo, sua destreza manual e seu auto-controle. Todas as crianças, expansivas ou calmas, tímidas ou abertas, gostam de desenhar".

A Profa. Lourenço Silva observa discretamente as crianças, durante as horas que passam no estúdio, fazendo um estudo psicológico sutil, podendo, assim, esclarecer os professores sobre o estado de alma de seus alunos.

Muitas vezes, é durante o curso de desenho que os deficientes auditivos menos dotados podem se firmar, desabrochar, revelar um dom inato. Para estas crianças, isso é um fator de equilíbrio e um sólido ponto de partida para vencer seus complexos.

A Profa. Lourenço Silva relata-nos até que ponto um de seus alunos observava e reproduzia. "O pequeno Vitor Manuel P., criança surda, cujos movimentos eram pouco controlados, sobretudo no andar, devido a sérias deficiências físicas e intelectuais, tinha um grafismo firme, contrastando com sua debilidade geral. Vitor vivia num mundo à parte. Tudo o que se move o encantava: um barco, um pião, uma bola, animais... Recomeçava seus desenhos durante vários dias, com um traço nítido e proporções corretas".

Não podemos deixar de relatar um episódio curioso da história desta criança. "Um dia", conta-nos a Profa. Lourenço Silva, "Vitor entrou no estúdio, muito feliz, olhando constantemente para seu bolso. Eu lhe perguntei o que trazia e ele me mostrou um pardal. Apesar de minha insistência em querer convencê-lo a deixar o pássaro em liberdade, Vitor me fez compreen-

der que precisava olhar o pássaro para poder desenhá-lo. E assim, produziu uma série de desenhos representando o pardal, cada um com detalhes diferentes".

Podemos nos dar conta, por este exemplo, que se o professor se encontra no estúdio para distribuir o material e guiar as crianças, estas têm uma grande liberdade em suas realizações. Às vezes, é um galho de árvore, flores e mesmo pedrinhas que as crianças trazem para desenhar. Um dia, enquanto conversávamos, a professora nos fez observar um garoto, dos seus doze anos, tentando reproduzir o perfil de um de seus colegas.

Se é verdade que a criança tem necessidade de movimentos físicos, constatamos, também, que realização e relaxamento trazem aos surdos os cursos de desenho. As crianças saem da sala calmas e felizes. Todavia, o curso de desenho tem um objetivo que vai além do equilíbrio psicossomático.

2 - O desenho dirigido, auxiliar e complemento das outras disciplinas.

Para os alunos das classes mais avançadas, o desenho serve, antes de tudo, para ilustrar as lições em sala de aula. "O ensino de artes plásticas, em particular do desenho, deve ser colocado no mesmo nível, ou mesmo acima, no caso especial das crianças surdas, que o das outras disciplinas, seja por causa de seu próprio valor educativo, seja por causa de seu valor como auxiliar e complemento das outras disciplinas. O desenho de ilustração é indispensável para complementar as aulas de observação. No ensino da História, ele representa cenas relacionadas com os fatos mais importantes".

"Em geografia, permite uma melhor fixação dos acidentes geográficos ou hidráulicos, do estudo detalhado dos continentes, dos países, das divisões administrativas, das vias férreas, da fauna e da flora, etc".

"No curso de ciências naturais, fixa a representação dos animais, das plantas, dos minerais".

"Na aprendizagem do cálculo recorre-se ao dese-

nho como meio para lembrar o material concreto. No estudo da língua materna, empregamos o desenho de ilustração como tema para uma redação, podendo-se decompor as diferentes etapas de uma história; e principalmente o desenho é indispensável na iniciação à fala e à leitura, permitindo a fixação do vocabulário".*

Os professores de classes apreciam esta contribuição dos cursos de desenho às matérias ensinadas. Reconhecem necessitar dele, e programam com a professora de desenho um grande número de trabalhos educativos, utilizados como exercícios auxiliares ou motivadores de base para tornar as lições concretas.

3 - O desenho e o ensino profissional.

Se o desenho de ilustração acompanha todo o ensino clássico, o desenho artístico bem desenvolvido, assim como o desenho geométrico, são uma preparação de base essencial ao ensino profissional.

4 - O desenho após a escola.

Após sua escolarização e sua formação profissional, o deficiente auditivo recorre ao desenho para progredir, compor e criar, quando a profissão escolhida é orientada nesta linha.

"Ministro, também, cursos de desenho e de trabalhos manuais aos surdos após os dezesseis anos, e continuo entusiasmada, constatando os frutos que eles produzem".**

C - Programa do Curso de Desenho.

1 - Curso de desenho propriamente dito.

É consagrado principalmente aos gêneros seguintes:

- desenho livre.
- desenho orientado.
- desenho natural.

* Profa. Lourenço Silva.

** Idem.

- desenho sugerido.
- desenho ornamental.
- retrato.
- decoração de cenas.
- desenho a partir de modelos em gesso.

2 - Cursos de trabalhos manuais e de pintura.

a) Para as classes dos menores: Esses trabalhos visam o desenvolvimento sensorial e envolvem as atividades seguintes:

- recorte.
- colagem.
- picagem.
- emprego de lã contornando figuras.
- enfiar pérolas.
- pregar botões.
- bordado.
- cartonagem.
- pintura livre com guache.

b) Para as outras classes: Os exercícios propostos conservam um caráter educativo, mas são orientados para um objetivo utilitário:

- trabalho em madeira.
- recorte de desenhos em madeira.
- confecção, em miniatura, de móveis, veículos, casas, caixas, estantes, utensílios diversos.
- trabalhos com arame, barbante, corda, rafia, celulóide, plástico.
- trabalhos de modelagem em cerâmica, gesso.
- pintura em mosaicos, composição de trabalhos em mosaicos de vidro.
- pinturas a guache, a óleo, a aquarela, pastel, carvão.

D - Condições de trabalho.

Para obter o melhor resultado possível, em um

curso como este, algumas condições são exigidas:

- 1 - uma grande sala com um bom material.
- 2 - equipes de alunos mais ou menos homogêneos em idade e em capacidade artística.
- 3 - cursos de, no mínimo, duas horas para cada equipe.

Estas três condições foram enunciadas pela Profa. Lourenço Silva, que, sem dúvida, esqueceu-se da mais importante de todas: um bom professor.

E - Resultados obtidos no Instituto Jacob Rodrigues Pereira.

Um bom número de alunos trabalham em diversos ramos, tendo por base o desenho, e exercem as seguintes profissões:

- desenhista auxiliar de engenheiro civil ou engenheiro mecânico.
- desenhista e pintor em cerâmica.
- desenhista litográfico e de impressão.
- desenhista cinzelador.
- escultor em madeira.
- desenhista e pintor-decorador em várias especializades: painéis, cenas, decorações, murais, etc.

Conclusões

Achamos, considerando os resultados obtidos, em particular no Instituto J. R. Pereira, que um professor especializado em desenho e em trabalhos manuais é indispensável em um Instituto para deficientes auditivos, pois o curso de desenho é um auxiliar precioso nas disciplinas clássicas e uma preparação de base ao ensino profissional. Apreciamos muito o lugar que o curso de desenho ocupa no Instituto J. R. Pereira. O curso é dirigido por um único professor, que pode acompanhar todas as crianças e conhecê-las muito bem. Uma sala exclusiva para esses cursos é muito bem equipada. Como seria possível ministrar os cursos de desenho nas salas de aula, tais como: desenho

decorativo, de ornamentação, geométrico, natural, painéis de decoração de cenas, etc., ao lado de todo o material destinado aos trabalhos manuais?

Salientemos que esta organização leva naturalmente a uma colaboração proveitosa com os professores das outras disciplinas e contribui para dar ao ensino toda a homogeneidade desejável.

Em resumo, para o deficiente auditivo o desenho é o meio de expressão mais acessível e, portanto, possível de ser bem desenvolvido por ele, e sua prática é de grande eficácia, tanto em razão de seu valor educativo próprio, como das possibilidades que oferece aos professores das outras disciplinas.

CAPITULO V

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A INSERÇÃO SOCIAL DOS DEFICIENTES AUDITIVOS

I - A Formação Profissional

II - A Inserção Social

I - A Formação Profissional.

A - Centro Profissional para meninos (Lisboa).

B - Centro Profissional para meninas (Porto).

Como já dissemos anteriormente, as aulas para a maioria dos deficientes auditivos em Portugal é de meio período. Em quase todos os Institutos, há dois grupos de crianças: os que vão à aula de 8:00 hs. às 12:00 hs. e os que vão das 14:00 hs. às 18:00 hs.. Mas no período em que não estão em sala de aula, os alunos participam de várias atividades: educação física e rítmica, instrução e formação religiosa e moral, desenho e pintura.

A partir dos doze anos, este tempo extra-classe é, acima de tudo, empregado na iniciação do ensino profissional. A formação profissional propriamente dita prolonga-se até dezoito anos. Todavia, se for constatado que o deficiente auditivo pode ainda progredir, mais dois anos de aprendizagem profissional são oferecidos a ele.

A - Centro Profissional para os meninos.

O Centro Profissional para meninos encontra-se em Lisboa, em um enorme estabelecimento denominado "Casa Pia", sobre o qual já falamos no Capítulo II. Este estabelecimento é destinado à educação de um grande número de crianças ouvintes e também de crianças deficientes auditivas que continuam sua escolaridade no Instituto J. R. Pereira.

Todavia, no que se refere ao ensino profissional, não há um ensino particular para cada um destes dois grupos de crianças.

Durante uns dois anos, isto é, de doze a catorze anos, enquanto continuam sua instrução primária, os alunos efetuam estágios de pré-aprendizagem profissional. Passam sucessivamente de um estúdio a outro, o que lhes permite escolher definitivamente, aos catorze - quinze anos, a profissão que lhes agrada, para a qual sentem maiores aptidões ou simplesmente

aquela que os diretores aconselham.

Existem, na verdade, dois centros profissionalizantes para os meninos em Lisboa, pois além do da Casa Pia, na rua dos Jerônimos (na mesma área em que se encontra o Instituto J. R. Pereira), chamado Seção Pina Manique ou Seção A, há também a Seção Dona Maria Pia ou Seção C., à rua Madre Deus, filial da Casa Pia.

Encontra-se na Seção A, ou Pina Manique, uma média de 150 jovens deficientes auditivos realizando a aprendizagem profissional entre 500 jovens ouvintes, enquanto que na Seção C, ou Dona Maria Pia, 100 jovens deficientes auditivos e 450 jovens ouvintes recebem, por sua vez, uma formação profissional.

O Estado cobre todas as despesas na educação e instrução desses jovens.

Nos dois centros que acabamos de citar, toda uma gama de profissões é oferecida aos jovens, tanto deficientes auditivos quanto ouvintes.

Seção Pina Manique.

Nesta Seção são ensinadas as seguintes profissões:

- serralheiro.
- encadernador.
- escultor em madeira.
- eletricista.
- datilógrafo.
- impressor.
- relojoeiro.

Seção Dona Maria Pia.

Esta seção propõe outras profissões, de maneira a apresentar ao adolescente outras possibilidades profissionais; pode-se aprender aí outras profissões:

- marceneiro.
- carpinteiro.

- alfaiate.
- sapateiro.
- padeiro.
- funileiro.
- barbeiro.
- jardineiro.
- agricultor.
- soldador.
- pintor de automóveis.
- oficial em pintura.
- especialista na fabricação de peças.

Percebe-se que, no conjunto, as profissões, tanto na Seção Pina Manique como na Seção Dona Maria Pia, são acessíveis tanto aos ouvintes quanto aos deficientes auditivos.

É incontestável que esta socialização com os ouvintes durante o tempo da aprendizagem profissional constitui para o deficiente auditivo um elemento eminentemente favorável à integração social posterior. Amizades nascem entre deficientes auditivos e ouvintes. O rapaz normal aprende a ver no deficiente auditivo um ser como ele, isto é, capaz de expressar-se e de ter êxito em todos os planos.

Deficientes auditivos e ouvintes vivem juntos não somente durante as horas de aprendizagem, como também no refeitório, no dormitório, durante os passeios e nos momentos de descanso. Mas é preciso, também, não esquecer as dificuldades que traz esta vida lado a lado. Fizemos a este respeito uma pergunta ao Sr. Augusto Carlos Brígido, Diretor do Centro Profissional Dona Maria Pia: "Os deficientes auditivos do Centro Profissional Dona Maria Pia se relacionam bem com os ouvintes"? E ele nos respondeu: "As relações entre deficientes auditivos e ouvintes não são más; todavia, constata-se a tendência que têm os deficientes auditivos em separarem-se, devido à dificuldade que têm em conversar rapidamente.

Por outro lado, nota-se às vezes nos ouvintes uma tendência em atribuir aos deficientes auditivos os erros cometidos entre eles, os ouvintes. Mas fora esses inconvenientes,

a vida no meio de ouvintes se revela particularmente benéfica para nossos alunos".

B - Centro profissional para as meninas.

No Porto, as alunas do Instituto Araújo Porto recebem uma formação bem completa como "donas de casa", realiza da fora do horário de aula, durante as horas livres. Esta educação propõe preparar as meninas para serem "mulheres práticas", de uma maneira concreta e experimentada.

Estas adolescentes aprendem, portanto, a:

- lavar.
- passar.
- remendar.
- corte e costura.
- fazer faxina.
- decorar a casa, decorando antes o próprio Instituto.

As alunas são agrupadas em equipes, e cada equipe, em forma de rodízio, assume a responsabilidade de uma ou outra atividade.

Não seria isso, ao mesmo tempo, uma séria aprendizagem, e um fator de equilíbrio para as meninas que se sentem então "adultas" e "responsáveis", e que encontram nas atividades tanto um relaxamento quanto uma satisfação à necessidade vital de movimento?

Constata-se que as horas em sala de aula são mais proveitosas após a descarga nervosa e muscular. Pudemos observar pessoalmente que as meninas não são tensas, que não existem problemas de disciplina e que a aula se desenvolve num clima calmo, dominado pela atenção e interesse em todas as tarefas.

O "Lar do Instituto" oferece uma formação profissional intensa e especializada. As alunas mais dotadas fazem os cursos do Lar, após receberem o Certificado de conclusão do 1º Grau.

As alunas que não puderam obter este Certificado, chegadas à idade de 14, 15 anos, também são encaminhadas para o

Lar. Os Cursos são dados pelas próprias Irmãs Franciscanas:

- corte e costura.
- bordado a mão e a máquina.
- tricô a máquina.
- puericultura.
- datilografia.

Vejamos agora qual é a formação profissional dada nos outros Institutos do país.

Os meninos e as meninas do Colégio São Francisco de Sales, após a conclusão do 1º Grau, são encaminhados tanto para a "Escola de Arte Decorativa Antonio Arroio" como para a Escola de preparação profissional para ouvintes, sob a direção de uma Assistente Social do Colégio São Francisco de Sales. Os meninos, além dessas opções, têm a possibilidade de serem encaminhados para os estúdios da Casa Pia.

Os meninos do Instituto de Bencanta e os do Instituto Imaculada Conceição, chegados à idade de aprendizagem profissional, são recebidos por duas Seções da Casa Pia.

Se não tiverem terminado o Curso de 1º Grau, têm a possibilidade de terminá-lo, seja pela Seção A, seja pela Seção C, e recebem paralelamente a formação profissional.

As meninas do Instituto de Bencanta podem ser encaminhadas para o Instituto Araújo Porto, aos 14, 15 anos, para a aprendizagem profissional. Todavia, o professor Bissaya Barreto, fundador do Instituto Bencanta, prevê, para o futuro, uma formação profissional tanto para os meninos quanto para as meninas, em Coimbra mesmo, sendo esta o término de uma obra tão notável sob todos os pontos de vista.

II - A Inserção Social.

Exporemos agora alguns dados sobre a situação dos deficientes auditivos após a escolaridade, e sobre sua inserção social.

As estatísticas que utilizaremos são fornecidas pela Profa. Castelo Branco, que estudou em 1965 "Os problemas

dos deficientes auditivos em Portugal". Os números que ela cita em sua obra são extraídos do recenseamento geral da população na Península e nas ilhas portuguesas de 1960.

A - Distribuição dos deficientes auditivos de acordo com o ambiente em que vivem.

Na Península portuguesa, assim como nas Ilhas dependentes, existe, como já dissemos anteriormente, um total de 7266 deficientes auditivos.

Como são eles distribuídos entre os centros urbanos e as zonas rurais? A predominância é da zona rural, pois 5722 deficientes auditivos moram nessa região e somente 1544 nas grandes cidades.

Esta constatação traz um problema quanto à formação profissional dos deficientes auditivos. O Dr. Carlos Pinto, que está estudando este assunto, constata que os aprendizes de diferentes profissões da Casa Pia não estão sempre preparados para viver mais tarde em seu próprio meio.

As pesquisas tendem a dar uma outra orientação à formação profissional, de maneira a integrar melhor o deficiente auditivo ao seu meio, que é, em grande parte, o das zonas rurais: "Nossa maior preocupação, atualmente, é o futuro do deficiente auditivo. Para mim, o êxito da educação dos nossos alunos gira em torno de dois polos: os meios de comunicação e o trabalho".

B - Distribuição dos deficientes auditivos de acordo com a subsistência.

Situação dos deficientes auditivos.	Centros Urbanos	Zonas Rurais	Total
No trabalho	426	1240	1666
Situação estável	16	93	109
Aposentados	12	15	27
Não informaram	9	7	16
TOTAL	463	1355	1818

Constata-se que a maioria da população deficiente auditiva é dependente:

Se, do total de 7266, eliminar-se os 1818 independentes, que vivem de maneira autônoma, assim como as 1048 crianças em idade escolar (alunos e aprendizes), encontraremos 4400 pessoas em situação de semi-dependência, isto é, 61,0% da população deficiente auditiva.

As estatísticas de 1960 revelam que a maior parte desta população constitui um peso para a sociedade ou para as famílias.

Em particular, sobre as pessoas que dependem em parte das rendas do Estado ou de suas famílias, encontram-se 1063 inativos.

C - Distribuição dos deficientes auditivos de acordo com a profissão.

Alguns números recolhidos na obra acima citada permitirão ter uma idéia sobre o deficiente auditivo português, no que se refere ao emprego.

Profissões	Número (1960)
Agricultores	1554 (26 são proprietários)
Donas de casa	2086
Operários	750
Empregadas domésticas	189
Industriais	105 (31 são diretores)
Motoristas	43 (13 são chefes de empresa)
Comerciantes	20 (7 são dirigentes)
Empregados diversos	18
Profissionais liberais	14

Na grande maioria, os homens são agricultores e as mulheres permanecem no lar.

Mesmo se ocupando do lar, grande número de mulhe

res, como esclareceu a diretora do Instituto Araújo Porto, contribuem na manutenção do lar, através da costura, bordados, tricô a máquina, e, no meio industrial, trabalhando nas usinas.

"Os números acima nos mostram que do ponto de vista sócio-econômico o problema dos deficientes auditivos é grave. É evidente que este problema está ligado à preparação escolar, à preparação profissional e à preparação social do deficiente auditivo, assim como a atitude que muitas pessoas tomam frente a ele. A preparação dos deficientes auditivos não poderá melhorar se toda a população ou ao menos grande parte dela não estiver convencida das capacidades do surdo" (Srta. Susete).

Entre 200 pessoas, de curso superior e estudantes das Universidades de Coimbra e de Lisboa, assim como de jovens seguindo cursos médios, empregados, comerciantes, lavradores e donas de casa, a Profa. Castelo Branco encontrou as seguintes respostas, em porcentagens:

1a. questão:

- Você acha que um surdo-mudo possa aprender a falar?
- 40,0% - não

2a. questão:

- Uma criança surda-muda pode obter o Certificado de 1º Grau da forma como o recebem as crianças normais?
- 40,0% - sim

3a. questão:

- Um surdo-mudo poderá fazer um trabalho útil?
- 2,5% - não

A população não está, portanto, informada das possibilidades intelectuais e profissionais do deficiente auditivo. Todavia, a porcentagem dos que acreditam em suas capacidades manuais é bastante apreciável. Enfim, perguntamos ao Sr. Amaral, chefe do Serviço Técnico do Ensino de deficientes sensoriais: "Quais são os direitos particulares do deficiente auditivo?" Ele nos respondeu: "Sobre o plano social, não existe regulamen-

to que precise os direitos dos surdos em Portugal, pois são considerados, em todos os casos, exatamente da mesma forma que a população ouvinte e nenhuma disposição especial determina a diferença entre o surdo e o ouvinte".

CAPÍTULO VI

ATIVIDADES PÓS-ESCOLARES

- I - A Associação Portuguesa dos Surdos.
- II - O Surdo Português e a Arte.

I - A Associação Portuguesa de Surdos.

O Sr. Fernando Almeida Pinto, Secretário Geral da Associação Portuguesa de Surdos*, sendo ele próprio surdo, demonstrou disposição para responder as diversas questões que lhe fizemos a respeito das atividades pós-escolares de seus colegas.

- Quando foi fundada essa Associação?
- A Associação Portuguesa de Surdos, Instituição sem fins lucrativos, de iniciativa privada, foi fundada pelo decreto de Sua Excelência o Ministro da Saúde, em 24 de setembro de 1958.
- Quem pode ser membro dessa Associação e quais são seus objetivos?
- Seus membros:

A Associação dos Surdos reúne essencialmente os surdos portugueses adultos.

No conjunto, os associados são: surdos, surdos-mudos, suas famílias e seus amigos. São classificados em várias categorias:

- a) membros ativos: surdos e surdos-mudos;
- b) membros auxiliares: famílias de surdos e seus amigos ou vintes;
- c) membros benfeitores.

A Associação é administrada por uma Assembléia Geral, uma Direção e um Conselho. Os presidentes são todos ouvintes; os outros dirigentes são surdos.

Objetivos da Associação:

- a) a elevação do grau de cultura de seus membros;
- b) o aperfeiçoamento da educação profissional;

* A Associação Portuguesa de Surdos tem sua sede à Avenida da Liberdade, nº 157, 2º D. - Lisboa-2.

- c) proteção da situação material e moral, procurando-se em particular diminuir o sofrimento ocasionado pela incompreensão dos ouvintes relacionada com a deficiência auditiva.

Nos estatutos da Associação, prevê-se também a cooperação dos parentes dos surdos especialistas e de todas as outras pessoas que se interessam pelos problemas da surdez e da surdo-mudez.

Desenvolvendo os três objetivos que a Associação se propõe, o Sr. Almeida Pinto insiste sobre os seguintes pontos:

- 1) É indispensável promover, através de todos os meios, a instrução, a educação e a reeducação dos surdos e dos surdos-mudos;
 - 2) É necessário criar centros de estudos destinados ao exame dos problemas médicos e de integração do deficiente auditivo;
 - 3) Os pais, professores e médicos devem conhecer e tornar conhecidas as medidas profiláticas relativas à surdez; a Associação se esforçará para obter a colaboração indispensável quanto a essa informação especializada;
 - 4) A criação dos meios necessários à vida social dos surdos: atividades culturais, esportivas e recreativas se rão desenvolvidas ao máximo;
 - 5) A Associação favorecerá o desabrochamento do deficiente auditivo em sua profissão.
- Como está organizada a Associação?
 - A direção administra os aspectos tanto técnicos quanto financeiros.

Ela é assessorada por seções de administração, semi-autônomas, nas seguintes atividades:

- teatro mímico.
- pesca desportiva.
- cinema amador.

- fotografia.
- exposições (pintura, desenho, fotografia).
- atividades recreativas e esportivas (futebol, ginástica, atletismo, televisão, biblioteca, xadrez, acampamento, bilhar, ping-pong, excursões e festas).
- Pensa-se fundar uma escola para os surdos adultos que não foram instruídos?
- Ela já existe. São dados três cursos: primário, noções básicas, cultura.
- Existe um jornal para os surdos?
- Sim, a revista "A vida no Silêncio".
- Existem delegações da Associação no País?
- Sim, nas seguintes cidades: Setúbal, Porto, Coimbra, Viseu, Faro, Ponta Delgada. Estas delegações funcionam como Clubes.
- Os surdos encontram trabalho facilmente?
- Eles têm os mesmos problemas que os ouvintes. Todavia, existem firmas e fábricas que recebem grande número de deficientes auditivos.
- Quais são as profissões mais comuns exercidas pelos surdos?
- Na maioria, são alfaiates, marceneiros, serralheiros, pintores, desenhistas. Há também tipógrafos, litógrafos, cabeleireiros.
- Na maioria das vezes, os surdos se casam entre eles?
- Uma grande parte deles procura suas esposas entre as moças surdas. Poucos dentre eles se casam com ouvintes.
- Os surdos podem obter carteira de habilitação?
- Foi encaminhado um ofício a Sua Excelência, o Mi-

nistro da Saúde, solicitando esta autorização.

- Os surdos se comunicam pela linguagem ou pela mímica?
- Quando falam entre si (aqui em Lisboa, principalmente os da Casa Pia), empregam geralmente a mímica ou a datilologia. Com os ouvintes, empregam a linguagem oral.
- Quais são os recursos da Associação?
- A Associação recebe subvenções do Estado para a Escola dos Surdos Adultos. Os membros pagam uma quota anual. Nunca apelamos para a caridade pública. O surdo recusa escola, mas espera a compreensão.

II - O surdo português e a arte.

Um grande número de surdos, antigos alunos dos Institutos, distinguem-se pelas artes. Citemos, entre outros:

- Francisco José Marques, nascido em 1862, aluno do Instituto da Luz, segue os cursos da Academia de Belas-Artes de Lisboa, tornando-se pintor de renome.
- Fausto Sampaio - (1893-1956), aluno da Casa Pia e do Instituto Araújo Porto, frequenta, em Paris, as Academias Julien (1926), Renard (1927) e la Chaumière (1934) e torna-se notável pintor.

Expôs suas obras em Paris, Lisboa e Porto. As suas obras mais apreciadas são: "Velho Pescador de Macau", "Cascata de Foho-Tuto", "Vale de Lalo" e "Monte Líbano".

- Rafael Idesio Maria Pimenta, antigo aluno da Casa Pia, segue seus cursos de desenho, escultura, entalhador e gravura sobre madeira na academia de Belas Artes de Lisboa. Torna-se entalhador de grande talento e tem como pseudônimo o nome de "Pastor". No concurso trienal de 1873 obtém o primeiro prêmio pela sua obra "Diógene".
- José da Luz da Silva Rego, nascido em 1923, aluno da Casa Pia,

acaba sendo, igualmente, pintor famoso.

A Profa. Lourenço, em sua obra sobre o histórico do ensino de surdos em Portugal*, onde encontramos a maioria desses dados, menciona ainda outros nomes, sem precisar datas:

- Augusto Humberto Fracco Valentin, aluno da escola de Belas-Artes de Lisboa, torna-se entalhador em madeira.
- Francisco Manuel da Costa Souza, aluno da Casa Pia, torna-se impressor litográfico do jornal "Imprensa Nacional".
- Carlos Domingues Duarte, pintor ceramista de qualidade.
- Victorino de Melo, segue os cursos da Academia de Belas-Artes do Porto, e especializa-se na pintura de quadros da História.
- Carlos Alberto de Oliveira Magro, aluno de Fusillier, segue os cursos de Belas-Artes em Lisboa, e é conhecido como desenhista e pintor da Câmara Municipal de Lisboa.
- Antonio Azevedo e Silva, aluno de Fusillier e do Instituto Araújo Porto, em seguida aos cursos de pintura histórica na Escola de Belas-Artes de Lisboa, torna-se pintor e caricaturista.
- Leandro João Calderon, aluno dos cursos de pintura e paisagismo na escola de Belas-Artes de Lisboa e do Curso de Cenografia da Escola de Brera em Milão, torna-se famoso como pintor e cenografista.
- José Tavares Correia, aluno do Instituto J. R. Pereira, é desenhista e pintor da Câmara Municipal de Seia.

Encontram-se no Museu de Arte da Casa Pia algumas obras notáveis de seus ex-alunos:

* Profa. A. Lourenço - "Breve resumo histórico do ensino de surdos em Portugal". Lisboa, 1956.

- Rafael Pimenta: coleção de gravuras em madeira.
- Azevedo e Silva: pintura a óleo "O descanso".
- Silvestre Rezende: pintura a óleo "Natureza morta".

Estes dados biográficos e a evocação da atividade dos surdos sobre o plano social testemunham o êxito e o dinamismo dos antigos alunos dos Institutos; estes resultados encorajadores são a melhor recompensa daqueles e daquelas que foram os criadores; esperamos que tal vigor seja o prelúdio da emancipação definitiva dos surdos e a segurança de sua integração total na sociedade.

CONCLUSÕES

Conclusões

Chegando ao término deste trabalho, que pretendeu oferecer uma exposição do estado do ensino dos deficientes auditivos em Portugal, em 1966, salientaremos os traços essenciais da evolução que constatamos e as características da organização à qual chegou esse País.

Inicialmente, notamos a longa série de esforços e as inúmeras tentativas que Portugal conheceu antes de elaborar um corpo de doutrinas coerentes sobre a matéria. As influências estrangeiras freqüentemente se manifestaram; e não foi sem emoção que tocamos nos nomes de vários estrangeiros que associaram seus esforços, em uma verdadeira fraternidade pedagógica ao de seus colegas portugueses a fim de melhorar a condição dos surdos.

Do ponto de vista da organização geral, o equipamento e a distribuição dos Institutos revelaram-se satisfatórios; mesmo às ilhas dependentes, foram encaminhados vários professores, e as escolas funcionavam normalmente.

Os projetos que estavam em fase de implantação, em particular o de um Estabelecimento para surdos deficientes mentais, dotariam o país de um conjunto satisfatório; o Sr. Amaral afirma, sem excesso de otimismo, que em 1969-70 todos os surdos seriam escolarizados. Este resultado, graças à Administração e aos pedagogos, é devido também à ação do corpo médico, que poderosamente contribuiu na diminuição da população deficiente, pelo progresso da medicina preventiva e da terapêutica das doenças infantis. Enfim, a aplicação dos métodos modernos de diagnóstico permitiria uma ação pedagógica apropriada nas melhores condições.

A participação do Instituto de Altos Estudos na formação dos mestres, o certificado de Escola Normal exigido pelos candidatos, a dupla especialização dos professores de Pré-Primário, são garantias do valor e da homogeneidade do Corpo Docente e traduzem-se pela forte unidade que se observa na organização dos Estabelecimentos.

Uma aparelhagem eletro-acústica variada, compor-

tando numerosos tipos de amplificadores aperfeiçoados, dá aos mestres a possibilidade de dispensar um ensino da fala e de educação auditiva particularmente eficaz. O Cromoscópio, instrumento de visualização dos elementos fonéticos, oferece uma apreciável ajuda.

A leitura labial é beneficiada pela atenção que lhe dão nossos colegas portugueses, que marcaram, pela nova denominação - "leitura da fala" -, a importância dada a este ensino e o reconhecimento da complexidade de que ela é portadora.

Três aspectos da educação dos deficientes auditivos em Portugal chamaram nossa atenção, em razão de sua originalidade.

Primeiramente, o ideal que constitui a escola maternal de Bencanta onde tudo - locais, material, horários, métodos - foi idealizado e realizado com o objetivo de torná-la verdadeiramente uma escola feliz. Esse estabelecimento piloto torna concretas as ambições do Sr. Bissaya Barreto, que foi dele o criador e espera que outros Bencanta acolham todas as crianças de três a sete anos que aí encontrarão o quadro de vida e de lazer que desejam.

Observamos, também, o lugar ocupado pela educação rítmica, bastante incentivada e desenvolvida, visando não somente a percepção tátil apurada de todas as características dos sons, como também o desenvolvimento máximo e harmonioso de todas as possibilidades físicas e mentais. As danças e canções contribuem no desabrochamento dessas jovens personalidades, às quais se assegura uma educação integral tendendo a permitir-lhes uma vida feliz, com o equilíbrio de todas as suas potencialidades.

Não nos esqueçamos do quanto o desenho, livre ou dirigido, assim como os trabalhos manuais, têm lugar de honra em razão de sua contribuição na cultura artística das crianças e como auxiliares das outras disciplinas e de uma boa formação profissional.

A preparação para a vida ativa e a inserção so-

cial revelam o cuidado constante dos responsáveis pela organização escolar. Para os rapazes há uma multiplicidade de cursos profissionalizantes propostos (uns vinte cursos), enquanto que as atividades femininas são menos numerosas, aparecem frequentemente em função apenas de preocupações de ordem doméstica.

Nota-se que os surdos aprendem seus ofícios nos mesmos estabelecimentos que os ouvintes, o que os coloca cedo nas condições do trabalho futuro. Apesar dos cuidados que envolvem a formação profissional, numerosos surdos dificilmente conseguem emprego; isso devido, em grande parte, à incompreensão da sociedade de ouvintes com relação aos deficientes auditivos, em Portugal como em outras partes do mundo; existe aqui a necessidade de um grande trabalho de esclarecimento ao público, a fim de atenuar seus preconceitos.

Entretanto, longe de desencorajar-se, esses excepcionais dão prova de um dinamismo perseverante e encontram apoio na Associação Portuguesa de Surdos, que organiza, através de vários setores, atividades recreativas, esportivas, artísticas e culturais; esta Associação reagrupará os surdos aos seus parentes e seus amigos ouvintes; e, como vimos anteriormente, o Presidente é sempre um ouvinte; os que resistem ao egoísmo da multidão formam com eles um grupo tutelar, ativo, decidido a tudo empreender para ajudá-los com simpatia e preparar para eles dias melhores, sabendo que "construir o futuro, é contruir o presente. É criar um desejo que é para hoje, que é hoje para amanhã". Esta fé e esta esperança, que expressa poderosamente Saint - Exupéry, anima os membros da associação; um outro sentimento também elevado os aproxima de seus compatriotas em dificuldade: o sentimento que encontramos evocado nestas linhas do grande escritor que acabamos de citar: "Ligados a nossos irmãos por um objetivo comum e que se situa fora de nós, só então respiramos e a experiência nos mostra que amar não é olhar um para o outro, mas olhar juntos na mesma direção. Não há amigos senão quando se unem na mesma escalada, para o mesmo alvo onde se encontram".

Nós, mestres, que escolhemos nos consagrar ao so

corro daqueles que têm necessidade de nós, não podemos nos negar a este ideal inspirado pelo altruísmo, pois, como homens e mulheres de boa vontade, nossa regra de vida permanece a de fazer com que a ignorância e, às vezes, a maldade dos nossos semelhantes não se juntem às injustiças da natureza.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ARY DOS SANTOS, Dr. Carlos - O ensino dos Surdos-Mudos em Portugal - Lisboa, 1918;
- A Surdo-Mudez, estudo Pedagógico - Lisboa, 1920.
- BONET, Juan Pablo - Réduction des lettres à leurs éléments primitifs et l'art d'enseigner à parler aux muets - Madrid, 1620 (Tradução francesa, publicada por Bassouls et Boyer, professores do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, em 1889 na Revista Internacional do Ensino de Surdos-Mudos).
- BORGES e SIMÕES COSTA (Profa.) - L'Application du test Borelli-Oléron aux enfants sourds portugais - Thèse- Paris, 1956.
- CAMPOS TAVARES, Pedro de - Algumas considerações sobre a educação das crianças surdas em Portugal - Lisboa, 1955.
- CASTELO BRANCO (Profa.) - Estudo dos problemas relativos aos deficientes auditivos portugueses. Tese - Lisboa, 1965.
- COURS NORMAUX - Pour la préparation du Certificat d'Aptitude à l'Enseignement dans les Instituts Nationaux de Jeunes Sourds. Paris, 1960.
- CRIANÇA SURDA (A) - Revista publicada em Lisboa.
- nº 1 (abril, 1955)
 - nº 2 (outubro, 1955)
 - nº 3 (abril, 1956)
 - nº 4 (outubro, 1956)
 - nº 5 (outubro, 1960)
 - nº 6 (abril, 1961)
 - nº 7 (abril, 1967)

REVUE GENERALE DE L'ENSEIGNEMENT DES SOURDS-MUETS, Janvier,
1914.

RIBEIRO SIMÕES COSTA, (Profa.) - A aplicação da escala de
Wechsler para crianças. Tese. Lisboa, 1956.

SANTOS BRILHANTE - Artigos em "Aguilha médica", revista médica,
Agosto de 1855 e Agosto de 1856.

SEGUIN, Edouard - Jacob Rodrigue Péreire, premier maître de
sourds-muets en France. Paris. Baillière, 1847.

TORAILLE, VILLARS et EHRHARD - Psycho-pédagogie pratique. Paris
et Strasbourg. Istra. Nouvelle édition, (1965).

VIDA NO SILÊNCIO (A) - Revista. Lisboa, nº 1 (outubro, 1963) e
nº 2 (março, 1964).